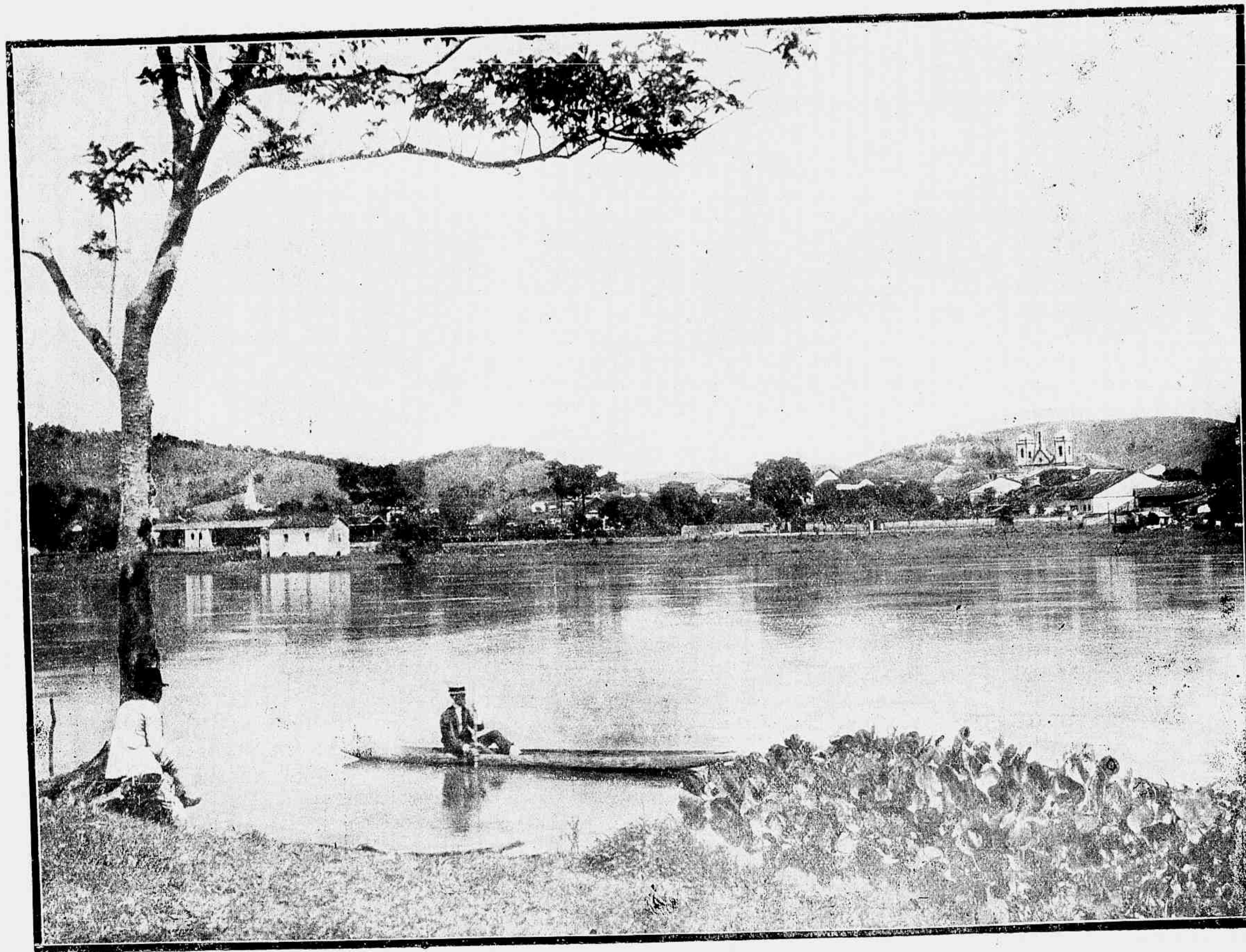
JORNAL DAS MOÇAS

400 Rs.

ANNO 2 - Nº 25
- RIO - 15 de MAIO -
- 1915 -

FABIAN

Mlle. Darcilia Tibau

O rio Parahyba em occasião de enchente

24

JULES MARY

Segunda parte

III

Durante o dia, Trinque, advertido por sua filha e muito emocionado pelo que ella lhe annunciava, fez chamar Rudeberg.

O operario, deixando o trabalho, attendeu ao chamado.

O velho negociante de armas antigas o esperava por traz da fabrica de vidro, a passear com o director Rosen.

Quando Montbriand appareceu, o director afastou-se.

O pae Trinque estava aborrecido e nervoso.

— Não gastarei muito tempo em discussão comvosco, Sr. de Montbriand, disse elle. Isto seria ocioso, pois nada vejo que me possaes dizer para explicar esta extranha aventura.

« Vossa presença em Clermaret vem crear sérios embaraços a Genoveva. Minha filha não está ainda livre. Logo que se divulgar a vossa presença neste logar, facilmente se acreditará numa reconciliação.

« E' possivel que acceiteis essa reconciliação com prazer não é verdade, Sr. de Montbriand?... Não que eu possa acreditar que estejaes enamorado da vossa mulher... Nós estamos de sobra pagos para acreditarmos no contrario.

« Mas Clermaret representa uma capital importante... eu estou velho... e não vos darieis sem duvida de encontrar aqui, depois da minha morte, um pouco de descanço...

— Sr. Trinque...

— Não procureis representar agora o papel de indignado. Conheço bastante o vosso orgulho e sei o que vale isso.

Quanto á nobreza de vosso caracter, nós, infelizmente, já temos della e de longa data a sufficiente experiencia.

« Genoveva, em proveito de quem foi obtida a separação judicial, tem o direito de vos dar ordens. Entretanto, ella só se contenta em dirigir-vos uma supplica: sahi daqui!...

— E meu filho?...

— Vossa affeição pelo pequeno Henrique, devo dizer-vos que appareceu muito tarde. Sei que sois seu pae e que Genoveva não se póde recusar a envial-o para onde quer que estejaes. Mas, por segurança, serei eu sempre a pessoa que terá de acompanhal-o nessas occasiões.

— Sou muito culpado, bem sei, para com Genoveva, senhor Trinque, mas minha submissão deveria tocal-a... Ella deve comprehender que eu já não sou o mesmo... e que desejo recomeçar o passado... Ah! si isso fosse possivel!...

« Ella castigou-me severamente, cruelmente... Foi sem piedade... Vós fostes culpado tambem, senhor Trinque. Vosso dever era velar por ella, era fazer que ella entrasse na rasão, de modo a evitar que ella praticasse esse attentado por que teve de responder perante a justiça.

« Era preciso dizer-lhe que eu fraqueci, que cedi num momento de loucura... que eu voltaria a nosso lar e que toda a minha vida seria occupada em apagar de meu espirito estas recordações funestas.

— E' tarde de mais, senhor Montbriand!

— Sim, disse elle fechando os punhos, é tarde de mais, não é verdade?... E' tarde de mais, porque ella amava um outro... é tarde de mais, porque ella já amava esse outro antes da separação... E' boa!

Acreditaes que eu seja tão idiota que não comprehenda tudo isso? Estarei cégo por ventura?... Ella amava, ella ama o senhor de Turgis. E foi com a maior satisfação que ella se aproveitou da minha ligação com a senhora de Chantereine, afim de conquistar a sua liberdade...

— Pobre louco! Já não é mais tempo de representardes a farça do desespero! Ninguem aqui vos tomará ao serio. Podeis bater no peito e dizer que todas essas desgraças são acontecidas por vossa causa. Era tão simples serdes feliz com Genoveva!... Mas não o quizestes... Genoveva, como espero, irá encontrar a felicidade em outra parte...

— Assim sendo está ella disposta a requerer o divorcio?

— Sim, por um conselho.

— E Turgis a esperará?

— Com grande enthusiasmo!

— Ella o ama?

— Isto não padece duvida alguma para ninguem. Nestas condições, senhor de Montbriand, quanto a vossa presença aqui neste logar, mesmo ignorada de todos, será perigosa... bem como inutil tambem.

« Vós sois violento... o despeito, os nervos podem levar-vos a qualquer acto de colera que nada desculparia; nem vosso amor passado, visto como nunca amastes Genoveva, nem vosso arrependimento presente, que tambem me parece cheio de outro interesse...

Montbriand levantou a cabeça. Um sorriso ironico surgiu-lhe aos labios, teve um movimento de hombros. Dir-se-ia que elle ia a fallar. Deteve-se e só depois de alguns instantes de silencio é que elle proseguiu:

— E' certo que vós podeis fazer de mim a peior idéa. Não tenho o direito de defender-me. Estaes no vosso direito quando me prestaes esses sentimentos. Entretanto, devo dizer-lhe que estou sem recursos e não me posso achar de um momento para outro sem collocação, numa posição falsa.

« Vós me obrigaes a partir assim, sem mais nada, sem conceder-vos alguns dias de espera?... Se assim é, eu partirei, prometto-vos.

Trinque mirou-o todo com olhar suspeitoso, perguntando:

— De quanto tempo precisastes para aprender vosso officio?

— Tres annos.

— Porque fabricante de vidro antes de outra cousa?

— Porque sabia que Genoveva possuia os estabelecimentos de Clermaret.

— Qual era desde então o vosso fim?

Rudeberg não respondeu. Estava pallido e mantinha os olhos voltados para o chão.

— Senhor de Montbriand, vos possuis numerosos amigos e brilhantes relações. A vida que levaes é uma vida de miserias, para vos, habituado ao luxo e a dissipação. Porque não vos dirigis a esses amigos? O escandalo do processo já passou... foi esquecido. Elles virão sem duvida em vosso auxilio...

Rudeberg sacudio a cabeça.

— Não quero servir-me disso, disse elle.

— Porque? Por orgulho?... Não vos censuro por isso, apesar de tudo.

— Não, não ha orgulho em nada disto. Quiz apenas approximar-me de Genoveva, porque não podia mais viver sem vel-a!

— Ah! ah! ah! E a que vindes contar estas caraminholas?...

Rudeberg conservou os olhos ainda baixos. Seus labios é que tremeram um pouco.

— Tendes rasão em não me dar credito, entretanto, estou dizendo a verdade.

E posso proval-o com uma palavra, sr. Trinque.

— Vamos lá, prove, não ha impecilho algum.

— Vos me lançastes ha pouco uma injuria em rosto, sem que eu procurasse desaffrontar-me, porque eu nada queria dizer... queria conservar commigo só o meu segredo... Vós, Sr. Trinque, me atirastes á face o labéo de só agir por amor á vossa fortuna... afim de fugir de um estado de miseria...

— Não me desdigo, disse bruscamente o velho.

— Não tendes rasão, senhor Trinque, pois meu tio, o general de Villebarel,

morreu, deixando-me duzentos mil francos de rendas.

— Ha muito tempo?

— Algumas semanas depois da minha partida para a America.

Trinque desconcertado calou-se.

— Não tenho o menor interesse em ambicionar a vossa fortuna, senhor, continuou Heitor com triste s rriso. Em vos perdôo, de resto, e vos desculpo.

— Porque sendo vós rico, vos fizestes operario?

— Tinha assim um meio seguro de vel-a, de viver um pouco de sua vida, e isso sem exitar suspeitas, sem ser reconhecido por ninguem, sem metter medo a ella!

— E sois fabricante de vidro ha tres annos?

— Ha tres annos, senhor Trinque. Isto me força a economias, não é verdade?... Eu tenho agora a vossa estima, não é isso?

— Si outr'ora não fizesseis outra cousa que dissipar o dote de minha filha, eu ter-vos-ia censurado acremente, mas vos não tivestes nunca em mim u n inimigo... Mas vejamos, falemos francamente. Qual é a conclusão de tudo isto?

— Não o adivinhastes ainda?

— Estaes de novo perdido de amor por vossa esposa?

Heitor fechou os olhos, baixou a cabeça e disse lentamente:

— Amo-a com todas as forças e todas as aspirações da minha alma. Sei bem que sou culpado aos olhos del a e que a tornou infeliz. Por minha falta, tem ella enchido de lagrimas as suas noites, quando o vento do outono soprava nas janellas do oratorio onde ella ia pedir a Carlota que velasse por um amor que a ia abandonando.

« Foi por minha causa que o desespero a arrastou á loucura do crime. Foi tudo por minha causa, eu me accuso de tudo, mas que quereis vós?

« Amo-a a despeito de tudo isso, muito embora eu saiba que sou indigno de um só dos seus olhares; amo-a muito mais agora do que mesmo na começo de nossa vida esponsalicia em *La Motte Feuilly.*

« Que quereis? não a conhecia... ella não era mais que uma bella estranha em minha vida, vivendo longe de um coração e de que meus sentidos se sentiram fatigados bem de pressa. Ao passo que hoje, todo o meu sêr se funda só na idéa de que ella não me poderá mais ver senão com mãos olhos... e olhar-me, senhor Turgis, as lagrimas me vem aos olhos só com a esperança de um aperto de sua meiga e branca mão na qual descobrirei o seu perdão.

— Eis ahi um outro negocio, murmurou Trinque. Tendes estragado a vossa vida. O amor não é um livro que se deixe e se apanhe de novo para recomeçar a leitura na pagina deixada; é talvez, um livro cuja leitura exige uma vida inteira. Fechaste-o logo ás primeiras paginas; tanto peior para vós. Elle não se abrirá mais.

— Jurai que ella ama Turgis e eu deixarei estas terras para sempre; não ouvireis mais falar de mim e não tornarei mais a ver meu filho.

— Ella o ama, sr. de Montbriand: ella não lh'o disse?

E' preciso seguir a vossa resolução. Sêde homem!

Casada e feliz ella esquecerá o passado e o perdão virá depressa como consequencia de sua felicidade.

Ah! que bella vida ella tinha imaginado, pobre creança! Não pensava sinão em vós...

Eu que a adoro tive ciumes...

Mas Genoveva nadava em mar de alegrias nos primeiros tempos e eu partilhei dessas alegrias... Nãs falemos mais dessas cousas passadas.

Amai-a... que castigo! E' terrivel... Sinto bastante porque para vós ella está perdida... Sêde homem, eu vos digo. Genoveva soffre ha quatro annos... agora sacrificar-vos um pouco por ella, é justo...

— Perdida? dizestes, perdida?

— Sim. E' preciso uma certa doze de coragem para vos dizer, a vós o amante de mme. de Chantereine:

« Vem, retomar junto de mim o teu logar « eis o meu coração »... Isto seria sublime. Não se deve pedir as mulheres sacrificios dessa ordem. Genoveva possue todas as bondades de coração, toda grandeza d'alma e piedade mas as decepções tem-na modificado. Não digo que ella venha ser mais feliz; quem pode adivinhar o futuro? Mas novos deveres obrigam a novos cuidados e a vida é curta.

Falei ha pouco de sacrificios... Tenho a pedir-vos um de vossa affeição, e que vos contraria...

— Qual? Interrogou Heitor commovido por estas doces palavras do bom velho Trinque.

— Para tranquillidade de Genoveva, eu não quero que perceba que vós a amaes ainda, não quero que ella saiba que sois rico ainda.

Ella adivinhará porque viestes procural-a. Tereis parte da fabrica o mais cedo possivel — porque é inutil correr ao encontro das torturas do ciume e do desespero que a noticia do divorcio e do casamento de Genoveva vos esperam.

— Obedecerei. Concedei-me alguns dias.

— Para que?

— Não são para reflectir, mas para ficar bem certo de que Genoveva...

Não ousou concluir.

Foi o pai Trinque que completou o seu pensamento.

— E' inutil. Podeis ficar bem certo de que ella não tem nenhum rancor... ella vos lastima até...

Emfim si assim o quereis, seja... Comprehendo que tenhais necessidade de soffrer um pouco...

E' tudo o que eu tinha a vos dizer; agora podeis voltar a fabrica.

Passaram-se algum dias.

Turgis retomou em Clemaret seus habitos de La Motte Fleuilly.

Vinha varias vezes na semana, ora pela manhã, ora a tarde, conforme os seus affazeres lhe permittiam.

Genoveva recebia-o com um sorriso de alegria e reconhecimento.

Uma manhã, elle encontrou-a no salão ensinando a lição a Henrique. Não quiz interrompel-a e satisfez-se em admirar a scena domestica.

Somente de quando em quando Genoveva voltava-se para elle, e com leve signal de cabeça dizia-lhe que tivesse paciencia, e seus olhares eram suaves e tão meigos que Turgis recebia-os como uma suave caricia. A lição acabou, Genoveva despediu Henrique.

Turgis poz-se de joelhos diante della:

— Eu vos amo, eu vos adoro Genoveva... Parece-me que ha um seculo que já vol-o disse. Cada hora, cada minuto, augmenta mais este amor, porque não passa um dia, em que eu não descubra em vossa alma alguma cousa de bello e encantador.

Eu vos amo!

(Continúa).

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

EXPEDIENTE

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURAS

Anno . . . . 10$000
Semestre . . . . 6$000

PAGAMENTO ADIANTADO

Numero avulso 400 réis; nos Estados 500 réis

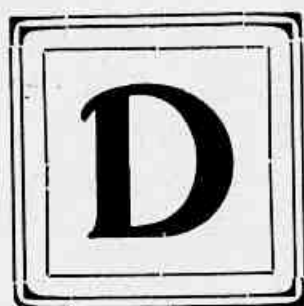
As importancias das assignaturas podem ser remettidas em carta registrada, vale postal ou ordem para casa commercial desta praça.

As assignaturas começam em qualquer dia, mas terminam sempre em Junho e Dezembro.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a F. A. Pereira, director e proprietario — Caixa Postal 421.

Os originaes enviados a redacção não serão restituidos.

Redacção e Administração — Rua S. José, 55 — 1.º andar

CHRONICA

De uma leitora que se occulta no modesto veu de um pseudonymo, recebemos um perfumado bilhete:

«Caro redactor.

Uma nota da sua revista sobre jardins publicos, fez-me pensar no abandono em que vivem por ahi fóra esses probresinhos perfumados que a mão habil do sr. Julio Furtado traçou numa hora feliz. Por que não pede aos poderes publicos que façam com que as bandas militares dêm concertos dominicaes nos coretos dos jardins sempre vasios?...»

O bilhete da nossa interessante leitora é razoavel.

Os nossos jardins, muito lindos, sempre muito floridos na exhuberancia tropical do verde das suas arvores e dos seus grammados velludosos, são desertos, silenciosos como se fossem velhos cemiterios perdidos em longinquas provincias.

Os domingos passam, e o carioca foge do jardim.

Porque?... Acaso o habitante do Rio detesta-o?... Não é possivel. O jardim é sempre amado do povo da grande cidade. Porém, por si só, o jardim não tem os attrativos sufficientes a seducção do povo.

Flores... Muitas flores... Não bastam. E' preciso que haja nelles algo de outra arte mais primitiva, que nos impressione mais e ao alcance immediato de qualquer espirito.

Só a musica póde desempenhar essa funcção seductora de arrastar os indifferentes até ás alamedas dos jardins.

* * *

A Prefeitura construiu coretos em todas as praças. Raros são os que tem abrigado bandas de musica. Experimentem os poderes municipaes. Mandem uma banda de musica militar aos coretos dos jardins a vêr se o povo não afflue de todos os recantos da cidade.

Isso, além de constituir motivo de deleite, envolve um sério problema de educação esthetica do povo.

E' preciso que por todos os meios possiveis, se eduque estheticamente o povo.

Duas lições trará isso: habituará o povo á musica escolhida, e obrigal-o-á instinctivamente a amar a belleza na contemplação calma das linhas dos arbustos florentes e dos contornos suaves dos canteiros.

* * *

Na Hespanha, onde os jardins são admiraveis, Santiago Russignol, poeta e pintor, de quem não se póde dizer ao certo se tem mais colorido os versos de ouro ou se mais poesia vibra nas suas télas, acaba de publicar um livro: *Jardins de España*.

O pintor, em oleogravuras e aquarellas, nos põe diante dos olhos as mais lindas fórmas de jardins que nos tem sido dado contemplar. E os poetas mais notaveis, cantam-n'os em versos ardentes, cheios de um enternecido paganismo, incitando os homens a amarem nos jardins as mais perfeitas symbolisações da Belleza da Vida.

Amemos nos nossos jardins os melhores amigos, os melhores e mais bonançosos recantos da nossa Natureza maravilhosa.

Só assim seremos dignos do nosso tempo...

* * *

Fechemos esta chronica com uma nota triste, triste e dolorosa, envolta no crepe da nossa saudade infinda: desappareceu do scenario da vida, que nem sempre corria alegremente, e de uma maneira sinistramente estupida o mavioso poeta Cepellos, valoroso irmão de armas nestas refrégas inglorias das lides de imprensa! Pobre amigo, quem diria que tão cedo teriamos de chorar tua perda, e sentir esta magua profunda e esta saudade tão pungente e desanimadora que nos dilacera a alma e confrange o coração!

Paz a tua alma!

O cirurgião-dentista José Ayrosa Junior e sua exma. exposa d. Maria do Carmo Duarte Ayrosa, cujo 1º anniversario de seu casamento passou a 6 do corrente

Dois livros. *Ode ao Sol*, de José Oiticica, e *Carmen Tropicale*, de Antonio Torres. José Oiticica é o poeta consagrado dos *Sonetos*, senhor de todos os segredos do verso.

A sua *Ode ao Sol*, que acaba de apparecer é um poema vibrante, uma obra de sagrado culto á energia e á Belleza.

Antonio Torres, estréa com *Carmen Tropicale*. E' um volume que enfeixa composições repassadas de suave lyrismo, e plenas de encantos ineditos.

Tem versos magnificos, como por exemplo os do poema *Coronis e o Corvo*. Em todo o volume passa um ardor verdadeiramente tropical.

Antonio Torres foge assim ao commum dos poetas novos que imitam e copiam as futilidades lamechas da Europa. E' mais um cantador da energia nacional.

— Dizem que a senhorita X vae casar?
— E quem será o felizardo?
— O pae, que se verá livre della.

Ruy Barbosa. Nazareth Menezes, que se tornou conhecido no nosso meio litterario com a publicação de alguns optimos trabalhos, acaba de lançar uma nova obra em que fulgem as suas qualidades de escriptor: *Ruy Barbosa*.

Nesse livro Nazareth estuda com grande minucia a individualidade polymorpha do extraordinario brazileiro.

Agradecemos ao distincto escriptor o exemplar com que nos distinguiu.

A arte de ser elegante

DEPOIS de uns dias de 35° á sombra em que se evidenciou a despedida ardente do verão, ahi temos finalmente a doce temperatura que não é de outomno mas que nos faz pensar nas delicias das tardes azues da primavera na europa.

Começou, pois, o momento elegante. Os tecidos finos, de lã, já vão apparecendo nas recepções e nos passeios.

* * *

Em Paris, o inicio da estação sportiva, com as corridas de cavallos, marca o inicio das elegancias parisienses.

E isso explica-se. Nos prados de Auteuil e Longchamps apparece, nos grandes premios, tudo o que a Cidade-Luz possue de mais refinadamenre elegante.

Os novos modelos dos grandes costureiros ahi surgem de preferencia. D'ahi, serem esses pontos os fócos de irradiação da moda.

Podemos falar quasi do mesmo modo.

A estação sportiva está aberta entre nós, com a primeira corrida da quinzena que findou.

No dia claro e muito azul daquelle domingo a *pelouse* estava coalhada de bellas senhoras, exhibindo vestimentas as mais lindas e bizarras.

Lá estavam no Jockey-Club e depois no Derby os modelos mais elegantes da estação.

* * *

A' primeira vista parece paradoxal a ligação intima entre a moda e os *sports*.

E entretanto, nada mais natural. Vem de tempos immemoriaes esse effeito. Os elegantes antigos sempre se entregaram com ardor a toda a sorte de *sports*.

E nada mais natural. Os exercicios desenvolvem o corpo, tornando-o assim mais bello.

Não ha belleza sem saude. D'ahi a elegancia, nascida da saude, portanto amiga dos *sports*. Vive-se, em geral, com mais explendor nos logares onde imperam os exercicios physicos.

YVONNE.

A nossa capa. — A trichromia que damos na capa deste numero do *Jornal das Moças*, é da intelligente mlle. Darcilia Tibau, filha do dr. Arthur Tibau, illustre e humanitario clinico residente na visinha cidade de Nictheroy.

Carlos Maul, nosso prestimoso amigo e illustre publicista, deixou, com grande pezar o declaramos, de trabalhar nesta casa, para se dedicar de corpo e alma a uma revista de arte que apparecerá, sob sua competente direcção, brevemente, com o significativo titulo *Apollo*.

A Carlos Maul, que foi sempre um bom amigo do *Jornal das Moças*, desejamos todas as prosperidades.

Anniversarios

Passou no dia 13 do corrente a festiva data do anniversario natalicio, da elegante senhorita Odette da Costa Mesquita, querida filha da exma. sra. d. Maria Cassão da Costa Mesquita e do conceituado negociante desta praça sr. Albino de Oliveira Mesquita.

Na sua vivenda das Laranjeiras festejou no dia 8 do corrente a venturoza data do seu anniversario natalicio a elegante senhorita Julieta Cassão.

No dia 9 festejou o seu anniversario natalicio o sr. dr. Alfredo Backer, illustre politico fluminense a quem o Estado do Rio deve grande parte do seu progresso.

Dotado de raras qualidades de administrador, firmeza de principios e lealdade gosa da grande e merecida estima de seus conterraneos.

Completa 15 radiosas primaveras no dia 26 do corrente a sympathica senhorita Arminda Teixeira.

Faz annos no dia 21 do corrente o sr. José Ribeiro de Araujo, zeloso empregado da Casa das Fazendas Pretas.

Casamentos

Realisou-se no dia 7 o enlace matrimonial da senhorita Olga Martins, filha do capitão Felisberto Augusto Martins, com o sr. Jorge Baère.

Foram padrinhos dos noivos nos actos civil e religiosos os srs. Calixto Pedro Julião e Fernando Severino e suas exmas. esposas.

Com a graciosa senhorita Izolina de Souza, nossa assidua leitora, e o sr. Carolino Arantes, nosso collega de trabalho; foi ajustado o enlace nupcial. Os futuros nubentes residem ambos na estação de Ramos.

Contratou casamento com a graciosa senhorita Iracema Itatiaya de Mattos, filha do sr. Alfredo Itatiaya de Mattos e d. Durvalina da Silva Mattos, o sr. Moacyr de Oliveira Leite.

Está contratado o casamento do sr. dr. Everardo Barbosa, clinico nesta capital, com mlle. Carmen Cotta, filha da exma. viuva Manoel Cotta.

Contratou casamento com mlle. Selika Lascassas Nolding, filha do sr. Adolpho Nolding, o sr. Arthur Motta.

O sr. dr. Raul Camargo, curador de orphãos, nesta capital, contratou casamento com mlle. Ophelia Pereira de Lyra, filha do dr. Pereira de Lyra.

Os noivos e suas exmas. familias têm recebido muitos cumprimentos.

O estimado cavalheiro sr. Mario Modesto Leal, filho do abastado capitalista sr. conde Modesto Leal, contratou seu casamento com a distincta mlle. Alayde

Senhorita Noemia Teixeira Alvarenga, residente nesta capital, que nos felicitou pelo nosso anniversario

da Rocha Miranda Alves de Carvalho, filha do illustre engenheiro dr. Antonio Alves de Carvalho.

Os noivos e suas exmas. familias tem recebido muitas felicitações.

Com a senhorita Ida Barradas, distincta alumna do Instituto Nacional de Musica, contratou casamento o dr. Ulyses Casado Lima, advogado no nosso fôro.

Com a gentil mlle. Maria Emilia Bastos, filha do capitão de corveta Carlos Bastos, contratou casamento o sr. Luiz Ignacio da Silva, funccionario dos Correios.

Contrataram casamento o 2° tenente commissario da Armada, Mario Faustino dos Santos, com mlle. Abigail Rubim, filha do sr. almirante Kiappe Rubim.

Contratou casamento com a senhorinha Ermelinda Vecchio Bergo o sr. José Olyntho Pires, funccionario dos telegraphos, na cidade de Bello Horizonte.

O cazamento realiza-se naquella cidade, na casa dos paes da noiva, á rua dos Guarajás.

Contratou casamento com a senhorita Cardina Cardoso, filha do coronel João Celestino Corrêa Cardoso, capitalista e chefe politico em Matto Grosso, o engenheiro Eduardo Parisot.

Com a gentillissima mlle. Antonia Vieira Terra, professora municipal e filha da exma. viuva Vieira Terra, contratou casamento o doutorando de medicina, M. Soares Junior.

Está contratado o casamento de mlle. Almerinda Gonçalves com o sr. Manoel Motta, secretario particular do sr. senador Leopoldo de Bulhões.

Senhoritas Antonietta e Lalinha Barbosa
dilectas filha do nosso amigo coronel Cunha Barbosa

Salvador Rueda que é hoje o maior poeta vivo da Hespanha e que é considerado como uma das maiores glorias da poesia no mundo latino, num artigo publicado no *Heraldo de Madrid* assim se exprimiu a respeito do poeta brazileiro Carlos Maul:

«Maul es el Maestro joven de la generacion nueva, cuja pluma ha lustrado, más que como pluma, como espada; es um batallador, un valiente, que ha tenido algunos puntos de contacto con nuestro glorioso «Clarin», y que és, además de analista estetico, novelista, cronista, periodista,, y ante todo y por encima de todo: Poeta. Ha sido la suya una labor de años sin sentir dezilusion ni cansancio en ningun momento: en la tribuna, en la prensa y en el libro, su inteligencia extraordinaria, su vastisima cultura, se ha desbordado en favor de todo lo nuestro con una fecundidad inacabable, yo me he honrado en conocer a este hombre insigne a quien la literatura hespañola debe tanta gratitud.»

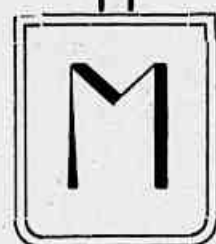
o

No dia 12 inaugurou-se em uma das salas da Escola de Bellas Artes a exposição de *sanguineas* e *branco preto*, do eximio artista Marques Junior. Recommendamos ás nossas gentis leitoras uma visita á essa exposição onde poderão passar alguns momentos agradaveis.

Mlle. Adelia da Veiga Rodrigues teve a extrema gentileza de nos escrever um delicado cartão de felicitações por occasião do 1° anniversario do *Jornal das Moças*. Ficamos muito gratos a generosa prova de sympathia da nossa amavel patricia.

Estes agradecimentos tornamos extensivo, a Idealista, intelligente collaborador (ou collaboradora?) desta revista, cujas paginas por mais de uma vez tem abrilhantado com as fulguraeões do seu talento e bem assim, ao illustre poeta Armando Vercosa.

Paginas do Coração

II

Maio! Lembras? Foi nesse mez que o nosso amor nasceu.

Entre o aroma subtil das rosas amarellas, o perfume petulante dos jasmins e a fragrancia entontecedora das angelicas, elle cresceu, estendeu raizes fortes e prendeu em um só os nossos corações!

E desde então houve uma perfeita harmonia nos nossos desejos e uma estreita communhão nos nossos ideaes!

Não tive outro querer, que não fosse o teu querer; não tiveste outra aspiração que não fosse a minha aspiração.

Toda a poesia desse mez symbolico e tradicionalmente adoravel, infiltrou-se em nossa vida.

Maio é o mez em que os roseiraes florescem.

Um manto de esmeraldas cobre a face da terra.

Os bosques se despertam no meio de uma ruidosa orchestra de trinados e gorgeios.

No fluxo e refluxo dos dissabores da vida, a galera dos nossos sonhos vae singrando serena, em demanda de um porto, em busca de uma plaga — a plaga onde o amor não morre, onde a existencia é um paraiso e os sonhos uma realidade!

Anthêo — o deus mythologico — sempre que ferido de morte, cahia sobre a terra, nella encontrava novo alento e nova vida para novas investidas.

Tambem se o desanimo me fere, encontro em ti, encontro no teu affecto, novas esperanças, novo conforto para novos emprehendimentos!

* * *

Querida! Que todas as rosas de Maio esparjam as suas petalas pelo itinerario da nossa existencia, para que inebriados no seu perfume, caminhemos, caminhemos sem vertigem de desfallecimentos, para transpor um dia, as portas de ouro do céo do nosso amor!

ROSAES SADI.

O dia que nossa mulher não se mostrou sob um aspecto novamente bello, é um dia perdido para o amor.

Instruir deleitando

II

Trabalho de Sisypho

RECEBEMOS uma cartinha de amavel leitora, declarando que tendo lido na *Gazeta de Noticias* um artigo com esse sentido, não logrou comprehender bem o seu titulo, ou porque a sua intelligencia não a auxiliasse ou porque se tratava de assumpto politico e ella tem forte antipathia por tudo quanto se prende á politica. Pedia-nos então que explicassemos a significação dessa phrase.

Com a melhor boa vontade procuraremos satisfazer a curiosidade louvavel da nossa missivista.

Antes, porém, vamos fazer uma pequena descripção do logar onde se acha o desgraçado Sisypho e falar em alguns de seus companheiros de soffrimento.

* * *

O inferno, para os pagãos, era situado nas profundezas da terra.

Dividia-se em duas partes: o Tartaro e os Campos Elyseos. Na primeira eram atormentados os malvados; na segunda, estavam os justos: era a mansão dos bons.

O Tartaro era rodeado por um pantano cheio do lodo do Cocyto e do Phlegethonte. O Cocyto, cujo nome significa *pranto, gemido,* era um rio cheio de lodo que se engrossava com as lagrimas dos maus; o Phlegethonte, que quer dizer — rio ardente — era outro rio que em vez d'agua, rolavam em seu leito ondas de fogo. Ambos cercavam o Tartaro.

Vêem-se ahi Ixion que concebera uma paixão criminosa por Juno; está amarrado a uma roda que gira constantemente; Thesêo que foi ao inferno roubar Proserpina — está sentado em uma pedra sem poder levantar-se; Tantalo, que tendo dado a comer aos deuses os membros de seu filho Pelops, morre a fome e a sede, tendo agua e comida até á bocca, sem poder alcançal-as; as Donaides, que tendo degolado seus maridos, são obrigadas a encher um tonel sem fundo; Sisypho — eis o nosso heroe, cara leitora — que tendo revelado o segredo dos deuses, foi condemnado a collocar uma pedra no alto de uma montanha.

Porém, mal o desgraçado ahi a colloca, ella rola pela escarpa vindo parar á base.

Sobe de novo, com o enorme peso ás espaduas, e novamente a pedra se precipita, e assim sempre... sempre...

Vê pois, cara leitora, que trabalho de Sisypho significa uma cousa que não termina, um trabalho que não finda. E' o esforço inutil para se conseguir a um fim collimado, mas que nunca se consegue realisar.

Eis satisfeita, pensamos, a justa curiosidade da leitora.

Com isso occupamos todo o espaço que nos era reservado nesta pagina, mas damos por bem empregado não só porque tivemos ensejo para uma gentileza, como tambem porque a nossa explicação, talvez aproveitasse a mais alguem.

Queira-nos desculpar a leitora se a historia não foi bem contada.

MLLE. MIMI.

Senhorita Yulza Cals de Oliveira
distinto ornamento da sociedade cearence onde é muito estimada

Contra o analphabetismo.

Acaba de ser fundada nesta capital uma liga contra o analphabetismo. E' uma idéa que merece todos os applausos.

Combater a ignorancia que se alastra no nosso meio, cada vez com maior intensidade, é um facto que ha muito se vem fazendo desejado.

Uma estatistica feita ha pouco, evidenciou a existencia de uma porcentagem de 60 por cento de analphabetos. E' positivamente de assustar, e aos fundadores da liga só poderemos dizer:

— Sêde bemvindos!...

Principalmente porque á sua frente estão homens que merecem todo o respeito pelas suas virtudes e pelo seu saber.

Chegando ao nosso conhecimento que o "Jornal das Moças" tem sido vendido, em alguns pontos, por preço maior do estipulado, avisamos ao publico que o "Jornal das Moças" custa nesta capital 400 réis e nos Estados 500 réis.

Aos srs. assignantes e agentes em atrazo, pedimos que mandem saldar seus debitos para evitar interrupção na remessa desta revista.

O "Jornal das Moças" não tem agente viajante.

Enlace matrimonial do sr. Antonio da Costa Souza e de senhorita Marietta Guimarães Carvalho

CARTAS DE AMOR

Formosa Juracy

POR que me odeias tanto, e tanto me desprezas?...

Se a lympha crystallina das lagrimas ardentes tivesse a côr violacea, — a côr sensivel da tristeza e desalento, — a côr que exprime firmemente a desventura do ser que a idolatra, certamente estas magoadas linhas que te escrevo seriam roxas, tão triste e doloroso é o pranto amargo e lacerante que meu pobre peito, ferido pelo teu desprezo e ingratidão, desprende a cada passo e neste acerbo instante em que t'as endereço...

Que horroroso supplicio, ó deusa ingrata e austera!...

Moro proximo á casa em que habitas; ouço-te a voz canora e meiga, o canto suave e merencorio como o gemer dolente da saudosa juruty; miro-te, a medo, ancioso, o porte lindo, altivo, seductor, e, no emtanto, não logro receber de teus formosos olhos matadores a luz de uma caricia leve, subtil, consoladora, nem de teus mimosos labios nacarinos um sorriso terno, dulcifico e animador!...

Porque me feres tanto, e tanto me espesinhas?...

Só porque tive a infeliz idéa de, ao conhecer-te, querer-te immensamente bem, consagrar-te um amor tão puro e tão sublime, que jámais de homem nenhum o alcançarás?...

Sim, porque... este profundo affecto que por ti nutro, não é o baixo sentimento de um amor grosseiro, abjecto, sensual, que fenece com a posse absoluta da presa ambicionada!...

Não! Este immenso e insano affecto que me arrebata a alma, é o sentimento limpido de um amor sincero, impolluto, sempiterno, pois me acompanhará, por toda a eternidade, através de estranhos e immensuraveis planetas, onde quer que eu tenha de ir viver uma outra vida!...

Portanto, sê mais branda e compassiva para commigo, que te amo, estimo e adoro loucamente!...

Não me apunhales mais o coração saudoso e dilacerado pelo teu desprezo atroz e esmagador!...

Mitiga-lhe a ferida enorme e abrazadora com o balsamo ameno e suavisante de um teu sorriso doce e encantador!...

E oxalá nunca soffras o que hei por ti soffrido!...

Adeus!...

NORIVAL.

Independencia do Paraguay

A republica do Paraguay, a nossa amavel vizinha, commemorou hontem festivamente a data gloriosa da sua independencia.

Com esta singela nota enviamos felicitações ao sr. Mosqueira, digno representante diplomatico do Paraguay entre nós.

No proximo numero desta revista teremos o prazer de publicar o retrato de quatro gentis e formosas senhoritas d'aquelle bello paiz.

Enlace ✳

Portocarrero-Niemeyer

Os noivos: O sr. Tito Portocarrero, — conhecido pharmaceutico e a senhorita Dinah de Niemeyer, digna filha da exma. sra. d. Virginia Cardoso de Niemeyer, e do sr. Olympio de Niemeyer, nosso prezado collega, sahindo da capella de Santo Ignacio, á rua S. Clemente.

Aspecto da cerimonia civil, realisada na residencia dos paes da noiva á rua Marechal Njemeyer n. 26, sob a presidencia do exmo. sr. dr. Eurico Dias, juiz da 4ª pretoria civel, vendo-se no grupo o mesmo juiz, os noivos, rodeados de seus paes, os padrinhos das cerimonias civil e religiosa, parentes e demais pessoas de suas relações.

Certos rabiscadores, quando depois de varias tentativas fracassadas, pretendem ainda illudir os incautos são insupportaveis.

Invadem as redacções, atormentam as homens de espirito que têm sempre mais que fazer do que aturar-lhes a *genialidade* sempre prompta a explodir em lyrices e sentimentalidade pueris, e promptificam-se a demolir tudo o que não lhes cheira bem...

A furia desses meninos contra certos nomes consagrados é medonha.

E ainda ha pouco tempo houve uma investida contra João do Rio, no proposito infantil e ridiculo de demolir uma gloria que repousa sobre uma dezena de obras de valor incontestavel.

São tragicos, não ha duvida nenhuma, esses eternos fundadores de revistas ephemeras para uso dos cafés e das esquinas. Nem as estrellas escapam á lama das suas diattribes provocadas por um despeito injusto.

APOLLO Nos primeiros dias do proximo mez de Junho circulará nesta capital a importante revista d'arte e litteratura: *Apollo*.

Dirigida por Carlos Maul e contando com a collaboração dos mais reputados nomes da nossa litteratura e do estrangeiro, *Apollo* apparecerá apparelhada para vencer fragorosamente. Será uma revista moldada nas grandes revistas d'arte do velho mundo.

Crepusculo

II

Para Mathilde.

QUANDO o Sol-Ministro, depois de alumiar o Mundo, segue a caminho do Crepusculo-Cathedral para celebrar a Novena do Fim do Dia e que a Noite vem estendendo o seu manto ornado de mil gemmas scintillantes — Deodoro — essa nesga de nosso amado sólo, torna-se maravilhoso!

Daqui, onde vivo enclausurada no meu quarto-cella, adorando em mystica contemplação a sempre prodiga Natureza; daqui, onde melhor comprehendo a infinita bondade do nosso Deus, onde tudo é solidão e parece um dos recantos de que nos falam as lendas, fico horas e horas a apreciar o bello!

Hoje que a Lua — lampadario gigantesco, que illumina a nave do crepusculo — Cathedral Universal—está meio apagada, bruxuleante, occulta pelas nuvens — gases multicores — que em torno do immenso candelabro rodopiam numa valsa intermina, impedindo assim a limpidez do seu brilho, hoje que elle é triste, vejo que tudo que cerca-me é tambem muito triste!

As estrellas, ornamentos de gracioso realce, parecem ainda mais tristes e apagadas; seu brilho assim o demonstra; as nuvens cançadas de valsar, atiram-se em verdadeira promiscuidade de cores e fórmas, pelo sempiterno-manto, como, desejando menos-prezar a majestade e riqueza delle; as montanhas — sentinellas

Senhorita Bebé Tassinario
filha do sr. Angelo Tassinario
residente em Nictheroy

que manteem a tranquillidade desse pedaço de terra, parecem exhaustas da eterna vigilia; mascillentas, sombrias, patenteando indifferença, já não permanecem em seus postos, abandonaram-os para seguirem rumo do Crepusculo-Cathedral, para seguirem ás pegadas do austero sacerdote — o Sol que vae ao Templo officiar o sagrado ritual!

Vendo-se abandonada, a Natureza soffre, o seu coração sangra, e é tanto mais bella, vel-a lutando para vencer a Dôr!

Exhausta, de lutar e soffrer, cahe em profundo lethargo!

. . . .

Subito, ella desperta dessa immobilidade e com ella tudo accorda!

. . . .

E' que chegaram aos seus ouvidos, ha pouco entorpecidos pela dôr, uns sons ternos, umas notas bellas, um psalmo-melodia, arrancados dum instrumento desconhecido, dum — piano — harmonium maravilhoso Engenho do Homem Aprendiz!

Umas notas carinhosas, suaves, meigas, quasi divinas, como as de um carrilhão-celeste, que despertou-a; que accendeu as luzes do lampadario do Universo, que annunciaram aos que foram professar religião mysteriosa e orar no Crepusculo-Cathedral, que já era chegada a hora da alegria-communhão!

Então, esse recanto adorado, como um Lazaro, tambem ressucitou e apresentou-se muito bello!

Silencio! impõe a Aragem — irmã meiga e terna das arvores.

Agora, tudo é silencio!

As arvores mudas, duma mudez sepulchral — verdadeira submissão religiosa de um crente — estão, todas attentas, olhos erguidos para os céos, ouvidos alertas, escutando, extáticas, a prelecção que lhe faz a Noite.

O silencio é profundissimo.

O auditorio a ouve com religiosidade; eis que D'Alva vem dizer que a Aurora está prestes a rendel-a, sim a substituil-a.

A sua demora na tribuna Universal é pouca; dá por finda a sua prelecção e abençôa com maternal carinho o infinito auditorio.

Este a applaude!

Depois, com as frontes altivas, com os corações transbordando de alegria, duma alegria juvenil, esperam o seu Deus!

Impacientes... ávidos... esperam o Dia, esperam... a Vida... esperam... a Vida... que vem do Sol!

. . . .

EUGENY

Disse alguem que a harmonia mais celeste e bôa,
Da voz humana está nesta palavra: — "Amor"...
Ella resume tudo e na noss'alma echôa,
Como um hymno de paz nos templos do Senhor.

Eu tenho para mim que existe alguma cousa,
Que falle mais á alma e falle ao coração!
— Noiva! — Eis o verbo da luz, o verbo da Paixão,
Que talvez eu só cante em baixo de uma lousa...

Bruno Briareo.

Mme. Elisabeth Pumba
esposa do sr. Julio Pumba, funccionario do Correio Geral

A galante Lucy de Lucena

A Arte da Belleza

II

(Conclusão)

Ás vezes não é reforçar os cabellos que se quer, mas fazel-os desapparecer quando invadem logares que lhes não competem, como por exemplo, o labio superior das senhoras.

Arrancal-os com uma pinça é operação sobre ser dolorosissima o mais das vezes inefficaz, porque a maior parte dos cabellos quebram e a raiz fica. O meio mais suave de extirpar estes parasitas é estender num pedacinho de couro galbano e pêz em partes iguaes, applical-o com geito sobre os criminosos cabellos e passados tres minutos arrancal-o de supetão, na certesa de que trará comsigo todos os pellos com suas raizes. A dôr não é grande e passa depressa.

Não podia a minha tia encerrar melhor o seu livro, de onde tenho extrahido estas notas do que incluindo nelle algumas receitas para escoimar a belleza de varios senões que a deturpam.

Assim nos diz ella que para nos livrarmos das borbulhas, quando ellas não são de caracter maligno que requer tratamento medico, não ha mais que applicar duas vezes ao dia a preparação seguinte:

Agua sulfurea........	30	grammas
Acetado de amoniaco..	15	»
Solução de potassa....	0,5	»
Vinagre branco fino....	50	»
Agua destillada.......	60	»

Sendo estas borbulhas produzidas pela obstrucção da pelle e imperfeição da circulação, muitas vezes se curam simplesmente lavando-as a miudo com agua morna, seguindo-se prolongadas fricções com uma toalha felpuda.

As verrugas são occasionadas por uma coagulação da lympha que obstrue os poros da pelle e podem-se fazer desapparecer por meio de abluções de agua quente, seguidas de asperas fricções de toalhas e applicação de uma ligeira dose desta composição:

Solução de potassa.......	30	grams.
Agua de Colonia........	60	»
Aguardente.............	120	»

O mais celebre e quiçá antigo preparado jámais empregado para desvanecer as sardas chamou-se *unguento de Maintenon* e compõe-se da seguinte formula:

Sabão de Veneza........	30	grams.
Sumo de limão.........	15	»
Oleo de amendoas.......	8	»
Oleo de tartaro liquido...	8	»
Oleo rhodio...........	5	gottas

Dissolve-se o sabão no sumo do limão, ajuntam-se-lhe os dois primeiros oleos e expõe-se tudo ao sol até adquirir a consistencia de unguento, accrescentando então o oleo de rhodio. Untam-se as sardas ao deitar e lavam-se de manhã com agua fria.

Os pannos curam-se fervendo meio litro de leite, 15 grammas de sumo de limão e 15 ditas de aguardente boa.

Senhoritas Maria Amelia Soares e Noemia Novaes constantes leitoras do *Jornal das Moças*, residentes nesta capital

Para apagar os effeitos do sol e tornar brilhante a tez basta bater em partes iguaes claras de ovos e sumo de limão e cosinhar esta mistura a fogo lento, mexendo sempre até adquirir a consistencia de pomada branda.

Antes da applicação lava-se bem o rosto com agua de arroz.

A's vezes manifestam-se manchas amarellas no rosto e pescoço e quando não cedem a simples fricções de flôr de enxofre, pode recorrer-se com segurança, a seguinte ablução tres ou quatro vezes por dia:

Agua bem enxofrada..	30	grammas
Sumo de limão......	15	»
Agua de cinamomo....	7	»

As rachaduras dos labios curam-se facilmente com este balsamo.

Oleo de rosas........	100	grammas
Cera branca..........	25	»
Espermacete..........	15	»

Derrete-se tudo em uma vasilha de louça mexendo com uma colher de páo até que seja perfeita a mistura e guarda-se em um vidro ou copo de porcellana para servir opportunamente.

Para afugentar as rugas da velhice dá bom resultado a seguinte receita:

Deita-se pó da melhor myrrha em uma chapa de ferro quente bastante para derretel-a lentamente, depois cobre-se a cabeça com uma toalha e inclina-se o busto por cima á distancia conveniente, para receber os vapores.

Se todos estes apontamentos e notas que offereci ás minhas leitoras poderem conserval-as toda a vida frescas, rosadas e bellas como outras tantas auroras austraes, por mui paga me darei do meu trabalho, embora entre ellas tenha de passar pela mais feia.

PAUCHITA MONTEZ.

A Guerra

A meu esposo.

DE todas as catastrophes sobre a terra, a mais tremenda, a mais commovente e cruel é a guerra!

Matar, extinguir, damnificar tudo, eis a sua triste missão. Fome, loucura e morte, eis o seu terrivel cortejo!... As mais bellas cidades, as mais preciosas obras de arte, ficam sem piedade, reduzidas a um montão de ruinas. Por toda a parte a devastação atroz do fogo e das balas!

Profunda compaixão me invade a alma, quando vejo as photographias de tantos homens, alguns bem jovens e cheios de vida, que com o sorriso nos labios partem em busca da desgraça. Sempre o vulto esguio e ameaçador da morte, tem suspenso o seu alfange exterminador sobre as cabeças dos intrepidos defensores de suas patrias!... As frontes que antes se erguiam, risonhas coradas, indicando a saude e a ventura, pendem agora pallidas, tristes e desalentadas: E' a obra da fome!...

Valorosos soldados, antes de percepção clara e espiritos lucidos, correm hoje pelos campos sem descanço; seu cerebro enfraquecido por tantas lutas, arrastou-os ao maior martyrio humano: a loucura!...

Jovens a quem sorria um futuro venturoso, maridos ternos e felizes com o amor da casta esposa, filhos adorados, noivos apaixonados, que é do teu sorriso feliz?... Porque teus olhos sempre anciosos por fitarem os entes amados, se conservam assim fechados?...

O seu sorriso e o seu olhar, foram para sempre extinctos pela mão fria e terrivel da morte!...

Nos lares, onde tudo era alegria e festa, hoje ha trevas e desolação.

A esposa estremosa e meiga, chora a ausencia do terno companheiro de seus dias, que talvez nunca mais volte a gozar de seus desvelos e carinhos!...

Descuidada a criança brinca sorrindo, sem perceber que nesse instante, pode entrar no caminho solitario e triste da orphandade! Seu pae que a idolatrava e o estremecia, partiu para o campo da batalha de onde não voltará talvez, E' horrivel...

A senhorita Luzia Martins sympathica leitora do *Jornal das Moças*

As mães afflictas, erguem ao Creador a mais ardente prece para que poupe na peleja a vida do filho amado e seu unico arrimo!...

Grandiosa, profunda, indescriptivel, deve ser a dôr da filha, da esposa ou mãe, que recebe a noticia da morte dos seus entes queridos, longe, no meio do inimigo, sem uma palavra de conforto, sem uma prece, uma lagrima ou um beijo para suavizar-lhe os ultimos momentos!...

....

Se algum dia, esposo amado, tu fores obrigado a abandonar teu lar modesto, mas cheio de encantos e de amor, para arriscar tua vida tão querida pela patria, eu te seguirei!...

Apezar de joven e tão nervosa, eu havia de ter o arrojo de acompanhar-te. Teria a encorajar-me o nosso grande affecto e o exemplo sublime da admiravel Annita Garibaldi!

Seguir-te-ia; ao menos não soffria o tormento de esperar pela tua volta, e se a morte cubiçosa, quizesse roubar-me tão valiosa prenda, terias quem recebesse teu ultimo suspiro e teu ultimo beijo, para depois ir outra vez reunir-se a ti e continuar na eternidade a vida de adoração e de carinhos que gozamos!...

SANTUZA.

Rio, 2-2-915.

AMOR MATERNO

A' Amarilia.

ERA ao romper de um dia primaveril.

A luz avermelhada do sol innundava festivamente o mundo emquanto os passaros esvoaçados cantavam pelos prados a fora... A briza passageira e perfumada, de vez em quando, roçava vagarosa por entre as plantas viçosas dos vergeis floridos.

Giovanina, uma joven mãe de dezoito annos, tendo nos braços o seu tenro filhinho, producto de um acrisolado amor, passeiava descuidosa no jardim de seu poetico lar.

Quando um suspiro escapava da alma de Giovanina, o seu filhinho era unido freneticamente ao coração; e, logo depois, duas lagrimas crystallinas borbulhavam nos olhos da joven mãe.

O suspiro era o passado, a recordação saudosa dos tempos idos, de quando ella ainda sonhava com as illusões da vida.

As lagrimas eram, umas synthetisando os mil affectos que dedicava ao entesinho que lhe suspirava nos braços; outras representando as esperanças e os presentimentos que lhe vibravam ligeiramente no coração, ao meditar subitamente sobre a sorte de seu filhinho nos dias do porvir.

Quanta sublimidade e quanta grandeza se encerram nessas duas lagrimas!...

Que pode existir na terra e no céo de mais grandioso e excelso do que o amor de mãe que é o ponto mais ascendente de nossas aspirações?!...

A natureza reuniu em synthese, todos os sentimentos sublimes nestas tres letras grandiosas: — mãe!

HERTILYRA DE QUEIZOVE.

Os teus olhos

Meigos, bondosos, fulgidos, divinos,
São os teus olhos de ideal belleza,
Cheios de amor, de crença e de pureza
O doce encanto dos meus ternos hymnos.

Meigos, bondosos, fulgidos, divinos...
Em sua luz de pallida turqueza
Eu descortino um mundo de grandeza
Onde se colhem sonhos crystallinos.

Iéda Vianna.

Nunca mais...

(PARODIA) Para Haydéa.

O CALOR era suffocante, o sol abrasava. Para respirar um pouco melhor, dirigi-me para os fundos da chacara e sentei-me á sombra duma frondosa mangueira. Como me senti bem naquelle recanto deserto, longe de tudo e de todos!

Comecei a scismar... Lembrei-me dos tempos passados, da minha quadra feliz d'outr'ora, dos meus amo es mortos, emfim vieram á minha imaginação, milhares de cousas passadas...

De repente, como que despertando depois dum bello sonho, ouvi um arrulhar de pombos e bater d'azas, que me chamaram á realidade.

Procurei e depois de alguns instantes, deparei com um lindo pombal, que se erguia a alguns metros de distancia.

Apezar do intenso calor, aquellas avesitas estavam dispostas a brincar e voar, para paragens longinquas.

Nesse momento, o bando de pombinhos, abandonou aquella bella vivenda, cobrindo um pedaço de céo, á semelhança duma nuvem branca. Acompanhei-os com a vista, durante não sei quanto tempo, até que desappareceram no asul do infinito...

As horas passavam lentas, sem que pessoa alguma viesse interromper o meu scismar.

Esperava impaciente a volta dos pombinhos.

A tarde ia morrendo, sem que elles apparecessem.

Estava disposta a abandonar aquella solidão, quando divulguei ao longe o bando de pombinhos, que voltavam alegres ao solar deserto.

Eu que até então parecia sonhar, sondei o meu coração e encontrei-o vasio, sem uma esperança ou uma illusão!

Como é differente o viver dos passaros!

Os pombinhos depois de uma longa ausencia, voltaram ao pombal deserto, e as minhas esperanças e illusões ao meu coração, não voltarão nunca... nunca mais!!

YVETTE SILVA.

Campos, 29-3-1915.

Senhoritas Fifina, Georgina e Yolanda Amendola, filhas do sr. Salvador Amendola

OLHOS

Na luz formosa de teus olhos lindos,
Na magia sem par que elles despedem,
Eu vejo vastos céos que se não medem,
De esplendores infindos.

Deixa que eu fite esse divino olhar,
E me embeba na luz que nelle mora,
Que eu quero ter minh'alma a delirar,
Em um banho de aurora.

E' pouco o que te peço, é quasi nada...
Eu quero mergulhar minh'alma triste
Na ternura sem fim dessa alvorada,
Como egual não existe.

Mostra teus olhos quando eu fôr morrendo,
Para ver a ventura bem de perto,
E ir, creança, a Morte bemdizendo,
Quando embarcar p'ra esse Paiz Incerto...

Imponderavel céo immaculado,
Cheio das harmonias mais subtis,
Resumo do que é bello e que é sagrado:
— Faze-me feliz!...

(Das *Trovas Singelas*).

Bruno Briarèo.

O que são os homens

EM 1815 o grande proscripto da ilha d'Elba desembarcava nas costas da Provença e avançava sobre Paris.

Luiz XVIII, que não esperava fosse tão rapido o vôo da aguia, apenas teve tempo de fugir, e Napoleão, chegando ás Tulherias, poude apanhar alguns papeis esquecidos por aquelle monarcha na sua precipitada fuga.

Abre-os e lê. Eram protestos ardentes de fidelidade e dedicação para com sua magestade christianissima...

O imperador toma nota das assignaturas e, alguns dias depois, recebe desses mesmos cortezãos e aduladores, protestos mais calorosos ainda para com sua magestade imperial e real.

Napoleão limitou-se a esta phrase: «Ahi está o que são os homens!»

Aquelle amor...

A' Mlle. M. P.

LEMBRAS-TE, doce Santa, do nosso terno amor?

O nosss amor que deslisara entre meiguices e arrufos?...

O nosso amor que morreu... e hoje, jaz esquecido entre illusões fanadas e flôres emurchecidas?...

Era um poema apaixonado e brando... todo em rosas... em reticencias de beijos e interrogações de arrufos...

Como era doce!...

Lembras-te, terna santa?

Riam pelos prados... pelas grotas riam... rosas, saudades, olaias, violetas...

Cantavam pela terra os risos rubros das olaias e das rosas...

Choravam pela terra as saudades e violetas... e subia lento... lento... para o céo, das violetas o perfume de tristeza...

Quantas vezes em noites enluaradas, emquanto riam as rosas e as olaias, sob a arcada do teu varandim ou entre os rosaes em flôr e as rubras dahlias... juramentos mil, de amor, fizemos...

Os nossos arrufos!...

Lembras-te? Bemditos arrufos...

Um dia «tudo acabado!»...

Dias depois.. um olhar teu que o meu encontrava... dois sorrisos ternos... quatro olhares que então se viam ternamente... e braços que se abriam... duas boccas que se collavam despejando, uma dentro doutra, beijos... beijos e só beijos...

Lembras-te, Santa?

A tua partida!...

Si, de nossos olhos, rios de lagrimas correriam se chorassemos... milhares de beijos em flôr de nossos labios brotaram quando tu te foste...

E depois tudo acabou... tudo!...

Devolveste as minhas cartas que eram tuas...

Devolvi a tua madeixa negra que era minha...

E tudo acabou...

Só os beijos não foram devolvidos...

Lembras-te doce Santa?

Do nosso terno amor?

O amor que amámos entre meiguices e arrufos... era um poema apaixonado e brando... todo em rosas... em reticencias de arrufos... exclamações de juras... interrogações de beijos...

Como era doce!...

Lembras-te, terna Santa?...

Hoje nada mais existe do nosso amor...

Tu te esqueceste de mim...

Eu esqueci-me de ti...

Ambos nos esquecemos... e atiramo-nos na torrente impetuosa das illusões de outros amores...

Só, a rir pelos prados... pelas grotas a rir... violetas, saudades, rosas e olaias...

E cada violeta... e cada saudade que eu vejo, é o ponto roxo e triste de uma illusão perdida...

E cada rosa... e cada olaia que eu vejo é o ponto rubro dos ardentes amores novos... que se desfolham pela terra a desfazer-se em versos pelo espaço...

Lembras-te, Santa?
Do nosso louco amor?
Oh! não te lembres, não!
Não vês? Eu esqueci tambem!...

GABRIEL CALDAS.

Riachuelo, 26-11-914.

Torneios Charadisticos

CONDIÇÕES:

Iniciamos esta secção satisfazendo pedidos de muitas de nossas leitoras. Distribuiremos tres premios. Sendo dois aos decifradoros que obtiverem maior pontos e a autora do melhor trabalho.

As charadistas que desejarem concorrer aos torneios deverão dirigir-se por escripto ao encarregado desta secção, enviando os verdadeiros nomes, pseudonymos e residencias.

Só serão aceitas as cartas, quer para a inscripção, quer com trabalhos ou decifrações, que venham acompanhadas do respectivo coupon, abaixo inserto.

Os trabalhos enviados para publicação, devem vir acompanbados das soluções e da declaração do diccionario onde estas se encontram, ou os conceitos parciaes.

Os logogriphos devem conter, pelo menos, quatro soluções parciaes e as letras do conceito final não excederão de vinte.

As soluções devem ser enviadas: pelas decifradoras desta Capital, dentro de vinte dias; pelas decifradoras dos Estados do Rio, Minas e S. Paulo, dentro de vinte e cinco dias; e dos outros Estados, dentro de trinta dias, prevalecendo sempre a data do carimbo do correio.

As listas deverão trazer o total das soluções encontradas; os srs. remettentes deverão incluir nellas as soluções dos trabalhos de que forem autores e não poderão enviar mais de duas decifrações para o mesmo problema, sob pena de perda do ponto.

Os diccionarios serão os mesmos que são admittidos pelo Almanach Luzo Brazileiro, assim como serão aceitas todas as especies de problemas que são publicados nesse Almanach.

Este torneio constará dos problemas publicados nos mezes de maio e junho.

PROBLEMAS NS. 9 a 13

CHARADAS NOVISSIMAS

Dei a flor a mulher porque tambem sou mulher — 2 — 2.
Vive á toa em casa ou na rua a pedir esmolas — 2 — 1.
No lar ou aqui eu visto esta vestimenta — 2 — 1.
Eu tenho a madeira que serve para fazer roupa — 1 — 2.
Eu tenho aqui perto o meu tio — 1 — 2.

PROBLEMAS NS. 14 a 20

CHARADAS INVERTIDAS POR LETRAS

O homem illumina á noite — 4.
A peça de madeira tem perfume — 4.
O homem vê planetas — 4.
Tenho sentimento de ter deixado esta cidade — 4.
Esta mulher ás vezes vôa — 3.
Eu tenho, vós tendes e todos temos — 5.
Sou ave porque tenho pennas — 5.

COLIBRI.

AVISO

Por não terem sido faceis os trabalhos publicados no numero passado, contaremos todos os pontos daquelles problemas as collaboradoras que nos enviarem as soluções deste numero.

CORRESPONDENCIA:

Colibri — Foram publicados todos os seus trabalhos.
Violeta — Aguardamos a vossa preciosa collaboração.
Bellinha — O promettido é devido! Não vos esqueçais de nos enviar os trabalhos.
Chrysantheme d'Or — Recebemos, publicaremos no proximo numero.

ORAMA.

COUPON

Torneio charadistico
para moças. 15—5—915.

Um perfil

DOMINADA por grandes receios e indecisões, (timidez essa aliás justificada pela minha incompetencia) imponho-me á difficil incumbencia de fazer o perfil do dr. M... C..., esforçando-me por desempenhar-me com a maxima imparcialidade. Coragem! Avante!...

O dr. M... é um joven claro, de negros e sedosos cabellos, que lhe adornam o harmonioso rosto formando um bello contraste com a alvura de sua fina e delicada cutis.

Olhos pequenos e expressivos, que traduzem um conjunto de sentimentos nobres, carinhosamente cultivados em seu bondoso coração. Os seus traços physionomicos, em perfeita e agradavel harmonia, o fazem extremamente sympathico.

Contando apenas 23 primaveras, é de altura regular, esbelto, elegante e flexivel, sendo conhecido ao longe por causa do excessivo vae-vem dos braços, quando não traz as mãos nos bolsos.

A sua prosa é amena e agradavel, demonstrando intelligencia cultivada e grande convivio social. Delicado e espirituoso, conquista, suavemente, o coração de todos que têm o prazer de o conhecer. Muito relacionado na nova rua em que reside, é o dr. M... procuradissimo pelos seus innumeros amigos, os quaes se prezam de o ser. Possue uma qualidade rarissima, não fuma. Grande apreciador de musica e de flôres, cultivando estas com carinho e amor e quanto áquella, deliciando-se em ouvir «S. François sur les flots», «Valse d'amour», de Moskonski e o «Rigoletto», peças de sua predilecção.

Nas horas de ocio diverte-se em interpretar com graça trechos musicaes ao violão, alguns dos quaes cantados pelos seus amigos, ou entretem-se com o jogo de xadrez que tambem muito aprecia.

Distincto alumno da Escola de Agricultura do Rio de Janeiro, nella deixou nome como intelligente e estudioso. Pretende abraçar a carreira de engenheiro agronomo ou civil: qualquer que seja a que escolher, faço ardentes votos para que a aragem fresca de uma nova vida o desperte amorosamente e balouçando os rosaes de seus afagados sonhos, o deixe entrever a alvorada luminosa de um porvir esperançoso!...

MLLE. BEIJA-FLOR.

Senhoritas Dinah Lantimant e Judith Abreu

Senhoritas Edina Santos e Sisina Barros, residentes em Nictheroy e Laura Souza, residente nesta capital

Ao querido E. B.

AUSENCIA é o maior abysmo; é ella que dilacera o coração; mas apezar do manto negro da auzencia que impede os olhares, não deixa entretanto de existir a encantadora fada da Esperança!!...

E' nella que diviso os teus negros olhos como azeviche, dois astros luminosos para guiarem-me na espinhosa estrada da minha vida.

E' noite!!...

Ao querido noivo

EU triste e apaixonada pensando em ti e na nossa separação!

Oh!! Como é dura esta lembrança!...

E' noite, e eu tão longe de ti, tão afastada, choro para lembrar-me que talvez te esqueças desta, que por ti daria a propria vida...

Lembras-te, querido, daquella tarde em que pela primeira vez, me disseste — eu te amo — e que estas palavras amenas, vieram suavisar o meu pobre coração coberto de tristezas e que julgava morto para o amor.

Tu, que és as inspiradoras notas dos meus futuros dias, ergue em teu coração o altar em que possa beber, gotta a gotta a minha felicidade, e deponha aos teus pés as minhas orações.

. . . .

Querido. Ama-me como amo-te e serás feliz; encontrarás no meu amor o balsamo consolador que suavisará o teu viver.

Santa Thereza.

AMADORA OLGA.

A' senhorita Odette Mesquita

No dia de seu anniversario

Nesse olhar de esmeralda e chymeras,
Nesse olhar fulgurante,
Nasceu hoje mais uma nova primavera
Luminosa e rediante...

A natureza — olhae — para saudal-a
Revestiu-se de flores,
Enfeitou-se com seu trajar de gala
De variegadas cores...

As aves, com gorgeios de ternura,
Tontinhas de alegria,
Andam soltando cantos de ventura
Desde o romper do dia...

As rosas do jardim, com ar de festa,
Thuribulando odores,
Estiveram saudando todo a séxta
"A' rainha das flores"

Agostinho Mesquita.

Senhoritas Olga e Oldina Lemos e os jovens Emilio e Walter da Luz, nossos leitores

Cantigas do Povo para as escolas. Jayme Cortesão que é um grande escriptor portuguez da moderna geração, acaba de publicar uma collectanea de *cantigas do povo* para as crianças das escolas primarias.

No volume entre centenas de estrophes destacam-se algumas interessantes e de funda philosophia ao alcance das intelligencias infantis:

O dinheiro e mais dinheiro
Faz a paz e faz a guerra:
Bellos condes e marquezes,
Em morrendo, tudo é terra.

Minhas faltas me nomeias
Só para as tuas não olhas;
Oh! lingua, que não semeias
Semente que não recolhas!

Que falta está fazendo um livro perfeito neste genero para as pobres crianças brazileiras...

TRIANON O excellente theatrinho da Avenida, continua a merecer da culta platéa carioca uma farta messe de applausos. Os seus espectaculos leves com peças de autores escolhidos tem tido sempre uma concurrencia extraordinaria.

Quasi todas as semanas renova-se o programma, sempre com franco successo.

Pode-se pois dizer que a tentativa intelligente de Christiano de Souza está francamente victoriosa.

Correspondencia do "Jornal das Moças"

CANTINNIO BARATA. Publicaremos os seus versos.

JAYME SERRA. — Não sabemos como poude passar-lhe pela imaginação a possibilidade de publicarmos o seu soneto *Noite nupcial*, apezar de serem bons os versos.

LAFAYETTE MENDONÇA. — Publicaremos o soneto *Serrano*.

ANTONIO TINOCO. — Muito longo o seu trabalho, fica aguardando opportunidade.

RAUL DEVEZ. — Falta-nos espaço para um trabalho tão longo.

JOSÉ DE O. B. FILHO (Barra Mansa). — Tenha paciencia, mas quem escreve tão erradamente o portuguez, não póde ser autor d'aquelles bellos versos, dedicado a senhorita Risoleta Guimarães. E' preciso uma prova positiva que nos convença.

MLLE. RITA. — Para os dentes o melhor é consultar um bom dentista, póde entretanto lavar bem a bocca com agua e sal de cosinha ou um cosimento de malva.

Quanto a 2ª pergunta: espuma de bom sabonete, deixe seccar e só depois penteie.

Terceira pergunta: côr de rosa secco, azul turqueza ou verde claro.

Sempre ás ordens.

JOSE' CARPINETTI — Publicaremos no proximo numero.

C. G. G. — Idem, idem, na mesma data.

A. J. TEIXEIRA — O sr. tem geito, mas precisa escrever com mais cuidado. Faça isto e volte.

LIA D'ALVA — Recebemos sua amavel cartinha, sempre ás suas ordens.

JULINHA PEREIRA - Vamos procurar e si estiver em condições será publicado, com grande prazer.

OCTAVIO D'AZEVEDO — Será publicado o seu soneto «Supremo bem.»

JOÃO G. MELCHIADES — Publicaremos a sua poesia «Lyrio Campestre.»

SONETOS

DRAMA SIDERAL

Para Carvalho Guimarães

Venus brilha no ocaso em languidez constante
e no horizonte o Céo por ella enamorado
mostra todo o semblante em purpuras banhado
tentando, emfim, guardal-a inteira e palpitante.

Pundonorosa e azul, a estrella fulgurante,
só deixa em confusão o céo apaixonado
e parte, acompanhando o Sol inda abrazado
que se esconde por traz dum monte verdejante.

Raivoso então, em dôr por se vêr desprezado
demonstra o seu pezar no rosto acinzentado
começando a carpir em frigida neblina...

... E azul, divina e pura, em risos, no Levante,
como um consolo astral, intermino e brilhante
abraça o triste Céo... a pallida Lucina!

VIOLETA ODETTE.

O CÉO

Para Carvalho Guimarães

Quando quero fitar este céo tão formoso,
Eu sinto esta impressão mais viva e commovente
Como que se a minh'alma, esperançosa e ardente,
Tivesse transformada em sonho portentoso.

O cerebro palpita, aos poucos, fortemente,
Emquanto o meu pensar alegre e vigoroso,
Vae sondar lentamente o instincto poderoso,
Como um grande fervôr de um culto penitente.

Quando o meu pensamento, em sonhos, preso a infancia
Eleva este prazer que sinto olhando o céo,
Eu só tenho em meu ser, das flôres, a fragancia.

E assim, n'esta impressão profunda da belleza
Que contem este manto, este azulino véo,
Leio o livro immortal da grande Natureza!

MARIA APPARECIDA.

EM UM DIA DE FEBRE

Céo azul. Séxta. Sol. Aura pura. Alegria!
E melhor para mim fôra um dia chuvoso,
Cheio como eu de magua e de melancolia,
E enevoado como eu, e enfermo e doloroso!

Sol... Quem me dera são, sorrindo venturoso
Bater sendas, colher flôres, fazer folia...
Com as moçoilas de braço ir pelo bosque umbroso!
Forte, além... no pleno ar, que Murillo eu seria!

Sempre em quarto de enfermo ha tons demais escuros...
Acho já tão banaes estes moveis obscuros...
Lá fóra — o céo azul; séxta; sol; aura pura.

Antes um dia triste. E com febre, e sozinho
Diviso os céos e vejo um sorriso... escarninho
No sorriso de luz que hoje enfeita a Natura...

MURILLO DE ARAUJO.

SORRISO MAGICO

Quando sorris, formosa, o teu semblante airoso,
Que todo se transforma em flôres de alegria,
Parece um Céo aberto em belleza e magia,
Sorrindo ao despontar de um dia luminoso!

Pois teu sorriso lindo, ameno, esplendoroso,
Traduz de um Céo risonho a divina poesia,
E exprime do Levante a extranha symphonia,
Ao sorrir do arrebol, deslumbrante, saudoso!...

Que magico sorriso! — Arco-Iris que verbéra
Do teu sublime espirito a graça e a doçura,
— Por elle amenizada eu sempre ver quizera

Minh'alma soffredora... Então, esta amargura
Que me acabrunha tanto o peito e o dilacéra,
Não me supplantaria o riso da ventura!...

NORIVAL POSSIDONIO.

VOLUVEL

A' quem eu sei:

Como és voluvel flôr, a profuga phalena
Que erra de val em val, tu vences na inconstancia,
Quantos já tens amado e quantos já sem pena,
Tens deixado no horror de uma indisivel ancia!

A miragem me dás que uma illusão te acêna,
E cedes a attração de sua rutilancia,
Sem volver o olhar a esta ancia azul serena,
Em que o verdadeiro amôr se inunda de fragancia.

Eu lamento que tu perfeita creatura,
Que luzes como o sol e brilhas como um astro,
Profanes sem piedade a excelsa formusura!

E Deus que te aureolou de um esplendor bemdito,
E te vestiu de graça as formas de alabastro,
Te puzesse no peito um blóco de granito.

(Estação do Encantado).

AUGUSTO FERNANDES DE MATTOS.

MAGUA

A meu primo Avellar Vieira

A magua que consome a minha vida
E' a companheira fiel do meu passado.
Nasceu do meu amor — mulher querida!
E fez-me assim no mundo um desgraçado.

Ella traz á minh'alma já descrida
Uma lembrança do quanto tenho amado...
Na mocidade — quadra então florida
Onde sonhei um sonho mal sonhado.

Deixe-me só, amigo, assim soffrendo,
Sentindo os dias meus na acerba dôr...
Dentro da magua o coração gemendo...

Mas quando emfim, findar meu triste canto,
Ella talvez se lembre desse amor
E me peça perdão banhanda em pranto.

Rio, 1915.

F. DE CASTILHO.

A' minha familia

Fado da Saudade

O. Xavier Esteves

Oh! linda terra das vinhas
por ti são as penas minhas.
Oh! linda terra das flôres,
onde vivem meus amores.
Amores que lá deixei,
e que jamais esquecerei } Bis

Oh! linda terra adorada,
pelas flores perfumadas;
Oh! terra das lindas rosas
rubras, brancas, olorosas.
Como esquecer-te? querida
terra da minha vida! } Bis

Aquellas formosas selvas,
bordadas de verdes relvas,
por onde suave a brisa
meigamente se deslisa.
São da terra dos lindos ceus
por quem choram os olhos meus. } Bis

Brincam com as ondas do Douro,
os raios de um sol louro,
e fulgem alegres brilhantes,
bordando de diamantes
o branco manto das aguas
mortalha das minhas maguas. } Bis

Lisboa, és sem rival,
o orgulho de Portugal.
O bello jatdim tão fallado,
que a beira-mar foi plantado.
Honra e brio! teu povo traduz
na tua historia de gloria e luz. } Bis

BILHETES POSTAES

A' B. C.

Só o suicidio, — esse fantasma horrivel e abominavel, — compensa a indifferença da pessoa a quem amamos apaixonada e dedicadamente.

T. Tagarella.

A quem idolatro.

A existencia privada do inefavel convivio amoroso do ente que se adora, é tão penosa, quanto é ditosa a vida cercada de todas as felicidades e seguida dos carinhos paternos!

M. da Silveira Bulcão.

Engenho de Dentro.

Para Mida.

A saudade muito faz soffrer a um coração que ama com vehemencia.

A. Brancalier.

Gargahú (E. do Rio).

Ao jovem L. L. Leal.

O teu olhar era a aromatica brisa que vivifica as flores das minhas esperanças; hoje é uma sentença horrenda porque nelle só vejo a tua cruel indifferença!

C. G.

S. Christovão.

A' Elvira.

O teu coração é um sacrario divinal onde encerro com toda a confiança a doce crença de um leal e verdadeiro amor.

Oçaglem.

A' amiguinha C. C.

Ligar importancia a quem nos despreza, é não conhecer o valor pessoal, pois nessas occasiões só devemos ter compaixão desses monstros que se glorificam em illudir corações innocentes.

Margarida.

S. Christovão.

O passado é o tumulo onde jaz a nossa mocidade, ha sempre nelle, alguns dias e horas de venturas; quando o recordamos, profunda saudade e indizivel melancolia perdura em nosso intimo.

Amelia Dourado.

A meu noivo.

« Suspiro » —, terno e apaixonado, companheiro constante da minha solidão, tu que num surto afastas minh'alma para longinquas paragens e que tens o dom de ir rapido perto daquelle por quem meu coração palpita e chama, porque não lhe dizes que, só, sem o seu olhar carinhoso, minh'alma fenece estiolada de saudades?

Angelica.

Villa Izabel.

A' meiga Annunciata.

A ingratidão do ente amado, é mais dolorosa que a lamina acerada de um punhal, pois fere e mata, ao passo que a ingratidão, deixa em perpetua e lenta agonia o ente desprezado!

Julieta.

A' alguem.

Minha vida é qual fragil batel que navega sem esperanças de encontrar seguro abrigo.

Julieta.

Ao Amaro Areas.

A vida é uma verdadeira illuzão quando vivemos embalado pelos cantos do amor, mas, torna-se em realidade quando meditamos no futuro.

Eurico Dias.

A' Clelia Silva.

Nictheroy.

A recordação de um passado feliz é a luz incandescente que nos illumina o espirito nas horas de melancolia.

A esperança é o balsamo sacrosanto que purifica a alma dos que vivem na solidão.

Eurico Dias.

Campos, 24-4-915.

A quem eu sei.

Ah! Como é doce e suave relembrar o passado... Perguntar ao céo onde palpita uma estrella e suspirar baixinho... Lembrar-se de alguem que está longe, muito longe, que talvez vele contemplando a mesma estrella e interrogando o mesmo céo... Saudades!...

Zizella.

A' amiga C. P. A.

Só em teu immaculado coração é que posso depositar os meus segredos por ser elle o sacrario mudo onde se acha guardada a minha pura e santa amizade.

Zizella.

Rio, 12-4-915.

A ausencia para nós é o maior martyrio: é ella a causadora de todas as nossas tristezas; mas apezar da nuvem negra da ausencia, avistamos no céo nublado do nosso pensamento, com todo seu resplendor a encantadora estrella da Esperança.

Amerisa.

Bracamby—E. do Rio.

A' Dulce!...

Meu coração encerrará como um cofre sagrado, o amor puro e leal que te vota, embora tenhas para retribuir a este affecto, a cruel indifferença.

A. Lima.

Realengo.

A quem eu amo.

Com que alegria escutei as tuas meigas palavras.

Que felicidade me inundava a alma por saber que era amada por ti. Tu que eu amava em silencio, era melhor porém amar-te toda a vida sem conhecer as alegrias deste amor do que soffrer agora a dor de ser desprezada.

Luz Violeta.

Ao meu noivo.

O teu amor sincero, é a arvore amiga a cuja sombra me abrigo nos momentos torturosos da minha vida.

Adelia Rodrigues.

Ipanema.

Ao distincto dr. M. Botelho.

Para quem ama e não crê na possivel realidade de seus sonhos, só ha um recurso — esperar com resignação a realidade do destino.

Silenciosa.

S. Gonçalo — E. do Rio.

Ao Cicero.

Assim como o rouxinol ao cahir da tarde solta tristes cantares entre as palmeiras, a estas mesmas horas minh'alma chora e meu coração definha sob o peso da tua ingratidão.

H.

Campos, 24-4-915.

A' Elza.

A data mais sublime da nossa vida, não é sem duvida a do primeiro amor.

Será aquella em que se reconquista uma esperança perdida.

Olga.

20 4-914 — 20-4-915.

Acrostico

(A' meiga Alzirinha).

Anjo bemdito, terno, immaoulado,
Linda florinha de rara belleza,
Zelada sejas pelo bom Senhor.
Inclito archanjo por mim sempre amado
Refiexo de bondade e singeleza,
A ti confesso o meu sincero amor!...

E. A.

As modas femininas na antiguidade

A MANEIRA de trajar, o que os francezes denominam a *toilette*, constitue uma arte. Comecemos por estabelecer como axioma que ella representa uma arte da mesma essencia que a estatuaria e a pintura, é certamente de origem mais remota. A mulher aprendeu a adornar-se muito antes que o homem soubesse manejar o escopro ou o pincel. E cumpre render homenagem á delicadeza das suas creações. Facilmente ella formou o elemento imprevisto e imponderavel que se chama fantazia ou capricho. Uma minudencia insignificante bastou para lançar uma nova pista uma determinada moda, que, por vezes, synthetizou a civilização da época.

Proudhon, o autor do « Principio da arte », escreveu : « O primeiro que percebeu na natureza um objecto de aspecto agradavel, interessante ou original ; que delle se utilizou a titulo de ornato e o tornou um testemunho precioso de amizade ou de amor, foi o primeiro artista. A menina que guarnece de flores a alva fronte ; a mulher que compõe um collar de pedras ; o guerreiro que, no intento de adoptar uma apparencia mais aterradora, cobre as espaduas como uma pelle de urso ou de leão, são artistas.»

Outro axioma : a *toilette* é uma arte profundamente original, porquanto presuppõe numerosas combinações, segundo a estatura, a tez e mil outras particularidades. Para indispensavel complemento dessas combinações cumpre possuir o gosto, esse elemento indefinivel e encantador, que em regra não possuem os representantes do sexo forte. Habituados as linhas simples, geometricas, os homens não são dotados de malleabilidade de espirito que têm as mulheres no tocante a esse assumpto subtil. Por isso, a significação e a procedencia da maioria dos vocabulos nascidos do vestuario feminino suggerem aos philologos meditações tão longas quanto estereis. E a Academia, no seu diccionario, aceitando os termos francezes, adoptados, de um modo geral, sem traducção em todos os paizes, desistio de pesquizar a maneira pela qual foram formados. E o numero dessas expressões é extraordinario. Poderia ser composto um volumoso glossario sómente com as palavras technicas em uso, desde o *peplos* grego até os mais recentes *volants*.

Uma simples e incompleta nomenclatura nos indicaria as variedades das designações attinentes ao vestuario feminino. Contam-se, além do vestido e da saia, o corpete, que encerra varias subdivisões, o espartilho, o manto, o véo, o chale, a *fraise*, o collarinho, (que apresenta innumeras variedades), as mangas (que têm tido os mais differentes aspectos), o avental, os alamares, os pregueados, a gravata, a *écharpe*, o *fichu*, o *manchon*, o reticulo, as luvas, a meia, o calçado, o leque, a umbella, etc. A lista seria longa, como se tornaria interminavel, se enumerassemos todos os termos que indicam os vestuarios de baile, de interior, de passeio, de villegiatura ou dos multiplos *sports*.

Desde que a mobilia e a architectura formam o scenario em que se passa a vida, é necessario que o continente se ache em harmonia com o conteúdo.

As vestimentas rigidas e archaicas dos Pharaós não se coadunariam, evidentemente, com a liberdade e a amplitude do Parthenon de Athenas. Do mesmo modo, o *peplos* ou o *limation* das compatriotas da Aspasia teriam sido desdenhaveis no meio das gigantescas e solemnes columnatas dos templos de Thebas ou de Memphis.

Supponhamos os brocados ou velludos da Renascença, de tons ricos e profundos, num aposento Luiz XV, branco e ouro. Seria uma inconsequencia manifesta. Em interiores claros cumpre que se apresentem tecidos claros: num meio sombrio, como eram os do Renasci-

Belleza infantil cearense

A galante Walderez Cruz

3 annos de idade—1º premio no concurso de belleza infantil, feito pela imprensa cearense

filha do conceituado negociante na praça do Ceará, sr. Pery Cruz, nosso assignante

O intelligente José Duarte,
filho do sr. Francisco Duarte, assiduo leitor do *Jornal das Moças*

mento, convinha o emprego de estofos escuros. Isso corresponde a dizer que o architecto, o tapeceiro, e o costureiro são fatalmente collaboradores, quando não são cumplices.

Não diriamos, como desejavam os antigos, que a correlação entre a architectura e a fórma humana é absoluta; essas preoccupações geometricas são incompativeis com a liberdade das invenções femininas. Seria absurdo estabelecer um confronto entre as severas proporções de linhas de uma cathedral ou de um palacio e o corte de um vestido. Evoquemos as classicas ordens architectonicas, celebradas por Vitruvio; não se modificaram sensivelmente entre o primeiro e o quarto seculo, como não soffreram alterações entre os seculos XV e XIX. O architecto Charles Garnier, a quem se deve a Opera de Pariz, respeitou os preceitos dessas ordens de architectura, do mesmo modo que, cento e cincoenta annos antes. Brunelesco, o architecto da cathedral de Florença. E, entretanto, nesse intervallo, o vestuario apresentou as apparencias mais diversas. Isso não impede que a *toilette* feminina reflicta, com a presteza de um instantaneo, as preoccupações do dia. Por vezes, o observador se sente tentado a proclamar que a *toilette*, pela sua variedade de combinações, offerece certa superioridade com relação a outras artes, taes como a pintura, a architectura, ou a estatuaria. Essas já esgotaram, como mostra a nossa epoca, o seu arsenal de fórmas e se vêem condemnadas á repetição; a *toilette*, ao contrario, continúa a sorprehender-nos em todas as estações, do anno, com a revelação de uma fecundidade illimitada. Como disse um dia uma costureira pariziense a um esculptor: «Nós creamos e vós copiais»

E já era essa a convicção em 1768, do cabelleireiro de Pariz Legros, autor de um tratado famoso, publicado naquelle anno e quatro vezes reimpresso. Legros, que fundou uma *academia do penteado*, a qual distribuia medalhas e outorgava diplomas, da mesma maneira que a Academia Real de Pintura, recommendava aos pintores que seguissem as suas lições: nenhum retrato a oleo, affirmava elle, representava com exactidão o penteado da moda.

Estudando o papel do vestuario no inicio das civilizações e através dos seculos, procurando conhecer a procedencia das modas, o processo da sua transformação e do seu fim, observamos que, as raças mais grosseiras e primitivas da America ou da Oceania, em todos os tempos, em todos os pontos do globo, a necessidade de se adornar e de aprazer constitue a essencia da *toilette*. Antes de construir a sua choupana, o indio tatua o corpo, suspende ao pescoço collares, de qualquer natureza e guarnece de pennas a cabeça. Nessas manifestações de vaidade infantil, não é sempre o sexo fraco que possue o «record.»

Mas, retomemos as origens da civilização, tal como se manifestou entre os povos do Oriente classicos: Egypcios, Hebreus, Assyrios. Milhares de textos ou de monumentos, esculpidos ou pintados, fazem-nos conhecer a variedade do vestuario nas nações ainda na infancia, e em climas onde uma tanga bastaria para proteger o corpo humano contra as intemperies. Uma revelação logo se nos apresenta: o vestuario não evoluio do simples para o composto; cada progresso da civilização não ajuntou forçosamente um ornato. A humanidade só gradualmente se elevou á concepção mais nitida e mais racional; a regra, no tocante á *toilette*, foi, verdadeira-

mente, a contradicção. Renunciando a explicar o phenomeno, nós nos limitaremos a aceital-o.

Como se comprehenderia (para citar apenas um exemplo) que a Asia, região do sol, antigo berço da humanidade, haja sempre adoptado vestimentas sumptuosas e pesadas? Como se póde admittir que a Grecia, com o seu clima relativamente rude, se haja contentado com tecidos leves e fluctuantes? No se deve acreditar que a educação, nessa materia especial, tenha sido mais poderosa do que o instincto e as necessidades impostas pela natureza?

Mas a lei invariavel na antiguidade era a fixidez do vestuario.

Longos seculos de esforços e de obstinação não foram sufficientes para constituir uma moda, com os accessorios innumeros que a completam.

A instabilidade mais ou menos febril era desconhecida nessas epocas.

Em que empregavam, então, nesse tempo as mulheres os seus momentos de repouso?

A moda não as preoccupava, pois um vestido, depois de durar a vida inteira, era legado ás filhas.

Quando viviam Paryasitis, Cleopatra ou Aggripina como no periodo em que floresceram Esther, Aspasia ou Phrynéa, rainhas, esposas de patriarchas, cortesãs conheciam adornos que o nosso adiantado seculo ignora.

La Bruyère tinha, seguramente, razão, quando dizia que somente a virtude, tão pouco em moda, resiste á acção do tempo.

O vestuario egypcio faz parte do dominio da archeologia, sem probabilidade de uma applicação pratica.

Assim, a moda que, nos ultimos annos, se comprazia em resuscitar certos elementos de remotas vestimentas, nada poderia pedir ao Egypto antigo. As egypcias em vão procuraram conciliar e fundir as partes componentes da sua *toilette*.

Ora empregavam uma saia que se alargava desmedidamente do joelho para baixo, ora usavam roupas extremamente ajustadas.

Em geral, o vestuario egypcio era rigido e hieratico.

Mais pesado ainda era o das Assyrias, das Persas e das Chaldéas.

Todas essas orientaes abusavam dos bordados, tão ricos e abundantes nas margens do Nilo quanto nas do Euphrates ou do Jordão.

Estava reservada aos gregos a invenção de um vestuario commodo e nobre, ao mesmo tempo. Por base deram-lhe uma simples peça de tecido de lã ou de linho fabricada, segundo se suppõe, nos gyneceus. Obtiveram assim uma vestimenta essencialmente «drapée» por meio da qual realisaram as mais variadas e imprevistas combinações.

Mediante cintos ou apropriados alfinetes, conseguiam formas que correspondiam a todas ás exigencias do gosto e da commodidade.

Na Quinta da Boa Vista

Senhoritas Yára Silva e Eunice Alves

nossas gentis leitoras, que nos offertaram as suas photographias tiradas na magestosa Quinta da Bôa Vista

O vestuario grego forma um eterno thema de meditações e um eterno assumpto de admiração. Um sabio conservador do Museu de Louvre, o sr. Heuzey, num artigo do «Diccionario da Academia de Bellas Artes», nos inicia no seu mecanismo, isto é, nos seus mysterios.

A apparencia não é hieratica; constitue uma rara combinação de amplitude e de nobresa, de liberdade e de decencia.

A mais suave interpretação do vestuorio hellenico nos é fornecida pelas terras-cottas de Tanagra, obra prima dos Beocios tão calumniados (IV e III seculos antes da era vulgar), ou de Myrina. na Asia Menor (III e II seculos antes da nossa era).

Essas modestas producções de argilla, destinadas a ser depostos, nos tumulos, revelam uma arte consummada.

As «draperies» ahi se ostentam com uma variedade incomparavel.

Ora seguem docilmente as linhas do corpo, ora as accentuam, com o auxilio de uma préga que se cava,

O galante Felizinho, filho do distincto engenheiro dr. Luiz Cordeiro, que a 23 do passado completou o 1º anniversario

de um panno que fluctua, de um cinto graciosamente atado. Ajgumas dessas divindades, com o vestido de cauda, o chale elegantemente lançado aos hombros, parecem ter vivido entre nós. Ha menos finura nas famosas bonecas de Myrina do que nas estatuetas de Tanagra.

O vestuario grego nos mostra, ainda, a utilidade que offerece os estudos referentes ao corpo humano. Elle indica que as modas mais perfeitas são as que mais respeitam ou accentuam melhor a harmonia do rosto humano, como são destiruidas de graça as que, exageram um elemento qualquer do corpo, em detrimento do conjunto.

Se cada costureiro de nomeada possuisse, ao lado do «Manequim d'oslen», immortalisado por Anatole France, uma escolha de estatuetas hellenicas da melhor epoca, seriam evitadas certas modas, pouco apraziveis. Sem renunciarem á novidade, elles se inspirariam sempre na vasta naturesa educadora, sem a qual não poderia haver vida ou belleza.

Comquanto as vestimentas gregas fossem essencialmente democraticas e impuzessem a todas as classes sociaes um aspecto uniforme, admittiam a possibilidade do luxo. Os bordados soccorriam as *toilettes* muito rudimentares.

As mulheres que Aristophanes nos apresenta em «Lixistrata», são vestidas primorosamente : nellas não se observa a austera simplicidade dos baixos reievos do Parthenon, da incomparavel procissão das Panathenéas.

Tamos transpor alguns seculos. Eis-nos em pleno Imperio romano.

Os conquistadores do mundo antigo deviam, fatalmente impôr os seus vestuarios por toda a parte, como estabeleciam as mesmas leis. Sob o dominio romano, das margens do Tamisa ás do Euphrates, a moda foi immutavel.

Assim, desde a antiguidade, os habitantes dos paizes frios como os das regiões quentes consentiam no sacrificio das commodidades pessoas, em favor de um ideal commum.

Se as patricias romanas não conheciam os adornos de fitas e laços, apreciavam o luxo dos bordados. E nesse particular os homens não se mostravam, nos ultimos annos do imperio, menos exigentes do que as mulheres.

A' unidade do vestuario classico se oppõe a diversidade das modas durante o Baixo Imperio e a Idade Media.

Se ás athenirnses e ás romanas apraziam as roupas flexiveis e amplas, em consequencia da acção depravadora do oriente começarsm a adoptar os tecidos asperos, de scintillantes ornatos. Na epoca do Baixo Imperio, as tunicas escarlate se guarneciam de ouro. Estava finda a nobre elegancia primitiva. De novo, appareciam as vestimentas ajustadas ao corpo.

A iuvasão dos barbaros trouye as roupas grossas, de lã, proprias desses homens do nerte. E viu-se, então, um vestuario especial para cada classe, para cada profissão e mesmo para cada ceremonia religiosa. As vestmentas da meia idade, da Renascença foram variadas. A epoca medieval inventou o corpete com abas, mais ou menos longas. Nesse periodo, é curioso, entretanto, notar que as roupas masculinas e femininas qbasi se confundem.

Quem quizesse estudar a historia da «toilette» em Erança nos tempos medievaes, deveria escolher como ponto de partida as estatuas das rainhas que se vêm na sumptuosa cathedral de Chartres, e que datam dos seculos XII e XIII.

Que distincção nesses vestidos estreitos, abundantemente pregueados, nesses corpetes que desenham uma couraça, nessa chlamyde entreaberta ! E' a idade de ouro do gosto francez : sobrio delicado e vibrante.

A essas obras primas, que encarnam o genio da Touraine e do Anjou, succede a invasão do estylo flamengo : pesado e, ás mais das vezes, trivial. As excentricidades do reinado de Carlos VI não tiveram outra origem.

Em nenhuma época, mesmo no Directorio, a forma humana foi tão torturada. Era ridiculo o monstruoso «hennin», chapéo pontudo, da extremidade do qual pendia um longo véo.

Na Italia, as modas gothicas se prolongaram até ao Renascimento. Numeeosos artistas eminentes, entre os quaes Vittore Pisauello, de Verona, inventaram disparatadas vestimentas.

Depois, o gosto se modificou, apurando-se. Recordar as modas da Renascença, dos reinados de Luiz XIII até Luiz XVI, é lembrar a brilhante mésse que a era moderna ajuntou ao legado da Idade media e da antiguidade classica.

A ARTE NO VESTIR

A arte no vestir, é sem duvida um assumpto impolgante, que mereceu a attenção de Duriez Mary, cujos conselhos para aqui trasladamos, traduzidos :

Todas as mulheres não possuem esta arte, porque ella consiste, não em fazer imperar ricos atavios, em lançar modas excentricas, porém, em se vestir :

— Conforme as circumstancias.

— Conforme a ordem.

— Conforme a fortuna.

Mais do que qualquer outra, a parisiense tem o sentido innato do que é conveniente de usar, segundo as circumstancias e, é precisamente esse sentido que lhe tem emprestado a sua universal e mui justificada reputação de alegancia.

Elegante !

Esperava bem o parecer de uma joven que, na provincia, esmolava, no ultimo verão corrente, na missa dita pelos militares cahidos no campo da guerra.

Acreditando dar no conjunto de sua «toilette» um segredo particular, a nossa caridosa tinha ornado com um laço vermelho vivo, tão vivo que não poderia passar despercebido, mesmo entreos mais contrictos dos assistentes.

Oh ! esse laço vermelho nessa missa funebre, como impressionava, como chocava !

Porque não foi substituido por um violeta desmaiado a esse vermelho berrante?!

A suppressão teria sido melhor ainda, porque só uma extrema simplicidade poderia despertar com a triste magestade da funebre cerimonia.

Simples falta de gosto, como essas faltas de orthographia.

Não é admissivel a apresentação em «toilette» desalinhada em um meio elegante.

Innumeras donas de casa são formalistas e, conheço mais de uma que, tendo a conviva ou visitante, apenas se afastado, murmura phrases mordazes como por exemplo a seguinte :

— Verdadeiramente, esta pobre amiga, se reserva para outras...

Tomae sentido na complexidade dos sentimentos contidos nesta vaga suspeita !

Outras vezes, a antiga mudança é de tom cheio de sub-tilezas feitas entre risos : "Poder-se-ia crêr que o sr. Fulano (o marido da senhora que vae sahindo) tem uma bella vivenda !"

A pobre mulher é mettidissa...

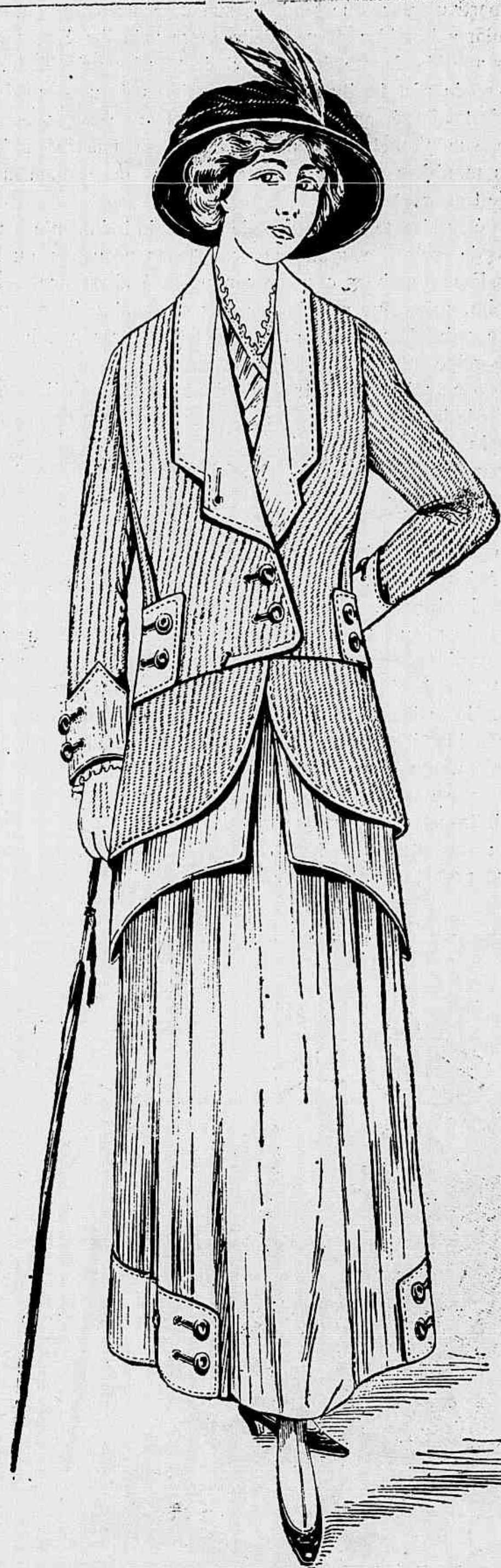
Constatamos frequentemente que a categoria de mulheres que não implica á altura de ordem é restricta e, cousa deploravel, ao contrario é infinitamente mais repetido.

A mulher do operario quer a todo o transe ser tomada por uma burgueza, e a abastada por uma grande dama e todas aliás, afim de satisfazer imperfeitamente a sua ridicula vaidade se impõem a multiplos sacrificios.

Nada mais irrisorio — entristecendo, tornaria melhor o meu pensamento — que uma mulher em traje grosseiro, de uma frescura, muitas vezes, duvidosa, indo pela manhã de armazem a armazem, afiim de fazer as provisões diarias !

E aquellas que, em meias escuras, em sapatos claros e vestidos estreitos, escolhem para se fazer conduzir em taximetro !?

Pensam suscitar admiração !

Pobres louquinhas ! Não fazem mais do que excitar os cochichos das suas modestas companheiras de transito.

Gracioso costume confeccionado em galardine ou sarja ingleza tecido fino

Invejam o luxo que percebem sonhando imital-o; não querem comprehender que essas mulheres que desejam copiar as elegantes se encontram em condições particulares; que tendo à sua disposição um auto ou "coupé" o risco de macular a limpidez de seu delicado calçado lhe é desconhecido; que tendo de fugir espavorida deante de um taxi de terceira velocidade, a estreiteza de uma sala da moda não far-lhe-ão correr os riscos de uma quéda ridicula ou perigosa!

Então! não é permittido a todas as mulheres consagrar um grosso orçamento a sua "toilette"; é preciso logo, se mostrar indulgente para aquellas que pela manhã usam seus velhos vestidos ou economisam sobre o preço dos meios de transporte.

Não é preciso temer; penso de um modo indulgente porque acima de algumas virtudes de primeira grandeza, colloco as pequenas qualidades: ordem, economia. Fazem as boas casas e conduzem á abastança,

Porém, julgo que a primeira das economias é, em materia de "toilette", levar a escolha de tecidos praticos, côres neutras, vestimentas adequadas, classicas, de golpe artistico.

Deixo os cuidados de traduzir ás suas "mamãs" e as suas tias, o velho proverbio latino:

— "In medio stat virtus".

E para aquellas que não têm filhas, nem sobrinhas formadas, adeantadas e elegantes, traduzo:

«A virtude está no meio.»

Sim, está no meio, tambem em materia de "toilette" como em materia de moral, felicito aquellas que em todo o tempo e emtodas as circumstancias, sabem se lembrar...

Quando no ultimo verão foi encadeada a horrivel guerra, as parisienses, forçadas a guardar uma nova attitude, tiveram desejos de lançar no fundo de seus moveis, os trajes de côres bizarras, as saias indecentes e os corpinhos inconvenientes.

Estando trajadas um minuto mesmo assim corriam o risco de excitar uma indignação justificada, exhibindo casacos verde vivo ou de côr "tango", emquanto além, um dos seus cahia, talvez, pela Patria.

Podem se mostrar por toda a parte sem chocar aquelles que fugiam deante da invasão e em affrontar todos os desgostos, se misturando á todas as miserias; suas attitudes e sua "toilette" não podem dar ensejo a uma zombaria.

Ellas provaram assim que possuem, á fundo, a ARTE NO VESTIR.

VIDETTE.

Cada estação traz uma ou mais novidades em bluzas. Os dois modelos acima estão muito em voga actualmente na Europa. Não nos parece de grande elegancia e é apenas como novidade que as apresentamos a apreciação das nossas gentis leitoras.

Elegante costume proprio para a estação

Ultimas creações do "Jornal das Moças"

ULTIMOS MODELOS DE PARIS

A princeza de cabellos de ouro

(Lenda Japoneza)

Havia na India, em tempos que já lá vão, uma princeza dos cabellos de ouro; sua madrasta, que a detestava, exigiu ao velho rei que a exilasse num deserto.

Levaram a princeza dos cabellos de ouro para o deserto e ahi abandonaram-n'a.

No quinto dia a princeza voltou á casa paterna, montada num leão.

Então a madrasta aconselhou ao rei que a deixassem desgarrada nos desfiladeiros das montanhas selvagens, onde só viviam abutres.

Ao quarto dia, os abutres a trouxeram nas suas azas á casa paterna.

Então a madrasta fez exilar a princeza numa ilha deserta; os pescadores descobriram-n'a e mais uma vez a princeza voltou á casa paterna.

Visto isto, a madrasta ordenou que se construisse um poço profundo no pateo do palacio e que nelle fosse enterrada a princeza dos cabellos de ouro.

Seis dias depois, no logar em que a moça fôra sepultada viva, appareceu um brilhante. Então o rei fez desentulhar a terra e descobriram a princeza dos cabellos de ouro.

Por fim, a madrasta fez cavar um tronco de amoreira, e mandou encerrar nelle a princeza; em seguida cortaram a arvore e jogaram-n'a ao mar.

A galante Alice Ramos
filha do dr. Odilon Garcia, residente
no Rio Grande do Norte

Ao nono dia o mar atirou a arvore nas costas do Japão; os japonezes retiraram a arvore com a bella princeza, viva; mas, logo que tornou a ver luz do dia, a princeza dos cabellos de ouro morreu e transformou-se em bicho de seda.

O bicho de seda subiu á amoreira e alojou-se nas folhas.

Um bello dia, porém, deixou de comer e não mais se moveu; cinco dias depois, era o tempo em que a princeza havia passado no deserto— o bicho de seda reanimou-se e tornou a adormecer.

Por fim, pela quinta vez o bicho de seda morreu e resuscitou num casulo, surgiu uma borboleta lindissima que deitou milhares de ovos; dahi nasceram muitos bichos de seda que foram distribuidos por todo o Japão.

O Japão cultiva grande quantidade de bichos de seda e fabrica tambem muita seda.

O bicho de seda dorme cinco vezes e cinco vezes accorda.

Os japonezes chamam ao primeiro somno: «Somno do Leão», ao segundo: «Somno do Abutre», ao terceiro: «Somno do Barco», ao quarto: «Somno do Poço», e ao quinto: «Somno do Tronco».

LEÃO TOLSTOI.

O CANARIO

Para o meu tio Mattos Gomes

E' um lindo passarinho,
Tem gorgeio mavioso,
A procura do seu ninho
Vôa alegre e gracioso.

Tem um vôo de mansinho
E de porte magestoso,
E' tão chic, amarellinho
O meu canario formoso.

E logo de manhã cedo
Eu ouço um canto estridente
Ao redor deste arvoredo;

Acordo lésta, loução,
E levanto sorridente
Porque surgio a manhã.

Rodelo — E. do Rio.

Mlle. Oecy de Mattos Gomes.

A VIUVINHA

II

POR entre a neblina distinguem-se as cruzes e os esguios minaretes dos gothicos mausoléos, que marginavam as ruas principaes de um dos grandes cemiterios parisienses.

A' entrada do campo santo, dois guardas conversavam amistosamente, passeando de um para outro lado da pequena rotunda.

— São quatro horas, — exclamou um delles.

— Sim diz o outro — vou dar o primeiro gyro para ir prevenindo esta gente de que são horas de ir sahindo.

Boa idéa!

— E a proposito, Goirand, não vi hoje a viuvinha!

— Nem eu; provavelmente está doente.

— Ou então já se conformou com a sorte e está a caminho da resignação consoladora...

— Não sejas malicioso. Aquella mulher não se esquece mais do marido.

— Se o adora tanto, porque não dá um tiro na cabeça para ir se unir a elle na eternidade?

— Não digas disparates. Não se mata porque está impedida de o fazer por suas crenças religiosas.

II

Naquelle momento pára no portão do cemiterio um luxuoso «coupé».

— Ahi está a viuva! disse Goirand ao seu companheiro.

Uma mulher joven, vestida de preto, desce da carruagem, sobraçando um enorme ramo de flores.

Ao passar pelos dois guardas, cumprimentou-os; elles corresponderam respeitosamente, descobrindo-se.

O jardineiro que ia se retirar, perguntou-lhe:

A galante Olga B. G. Pimentel
filha do distincto engenheiro, dr. José Gomes Pimentel, nosso assignante
2º premio no cancurso de belleza infantil realizado pela imprensa cearense

— A senhora condessa quer que lhe leve o ramo de flores ao jazigo?

— Não, obrigada; prefiro estar só.

— Olhe que já tocou a primeira sahida.

— Bem o sei.

E a condessa dirigiu-se para o mausuléo onde jaziam os restos de seu marido.

Havia dois annos que a condessa jamais deixara de ir todos os dias ao cemiterio, onde passava uma parte de todas as tardes.

A mulher do marmorista, ao vel-a tão pallida, dizia sempre:

— A condessa de Riverolles não tarda muito em ir fazer companhia ao marido.

III

Margarida de Riverolles, ao perder o homem a quem amava, havia perdido tudo. Pertencia a raça das grandes enamoradas, que não são nada quando lhes falta o eleito do seu coração. Pae, mãe, filhos, tudo desapparecera ante a immensidade da sua dor.

Tinha 26 annos e havia sido extraordinariamente formosa.

Ao cabo de cinco minutos encontrou-se ante o mausoléo do marido.

Na cadeia do seu relogio, pendurava-se uma pequena chave de ouro, da qual se serviu para abrir a porta ao jazigo.

Depois de ter collocado o pequeno ramo no altar, ajoelhou-se e poz-se a rezar.

Naquelle dia, fazia dois annos que Margarida vivia da sua dôr, mas com ella se identificando, ao ponto de nada existir para ella senão a angustia de que se achava possuida.

Naquelle dia, obrigada a consultar um medico sobre a grave enfermidade de seu pae, não pudera vir mais cedo ao cemiterio.

Como se fôra uma visionaria, pareceu-lhe de repente que seu esposo lhe sorria.

— Riste para mim? pensou ella. Pois me perdoarás de me ausentar por algum tempo de Paris, privando-me pelo espaço de um mez da unica felicidade que me resta no mundo: vir ver-te. Subordino ao dever filial os meus deveres de esposa. Os medicos dizem que se meu pae não partir immediatamente para o campo, não respondem por elle. Não approvas que não devo confiar a mãos mercenarias os cuidados que reclama a saude daquelle que te queria como um filho? Já sabes que ao cumprimento desse dever preteriria uma morte, benefica que me unisse a ti. Porque será que esse Deus que nos separou, me prohibe de abandonar voluntariamente a vida? Quem precisará della?

IV

Naquelle momento, girou sobre os gonsos a porta do mausoléo: voltou-se a viuva, coberta de crepe, e,

atravez das lagrimas que innundavam seus olhos, notou a presença de um homem, cujo aspecto a fez tremer de espanto.

O desconhecido deitou a mão á chave e fechou brutalmente a porta do jazigo.

— Que deseja o senhor? — perguntou a condessa de Riverolles.

— A bolsa ou a vida!... se dás um só grito!... respondeu o bandido arremessando-se sobre ella.

Um raio de alegria illuminou o rosto de Margarida.

— Soccorro! exclamou ella, com toda a força dos pulmões.

Mas não pôde repetir a palavra, porque o desconhecido chegára-lhe ao peito a lamina de uma navalha que sacara debaixo da blusa.

E a viuvinha caiu por terra, meio desfallecida, murmurando:

— Graças a Deus!

— Como graças a Deus? — exclamou o bandido cheio de assombro. E' a primeira vez que ouço taes palavras em semelhantes circumstancias.

Margarida não dava signaes de vida.

O malfeitor apoderou-se rapidamente do relogio da condessa, assim como de uma pequena bolsa repleta de moedas de ouro.

— Ha dias de muita sorte, disse comsigo o bandido, ao abandonar o jazigo.

Ao abrir a porta do mausoléo, espreitou para fóra, e pela rua central dirigiu-se para a porta do cemiterio.

Naquelle instante, a sineta dava o ultimo toque.

O malfeitor apressou o passo e pouco antes da porta, tirou do bolso o lenço e assou-se estrepitosamente ao passar deante dos guardas, afim de occultar o rosto do melhor modo possivel.

- Este pobre homem, disse Goirand para o seu companheiro, chora sem duvida a morte de sua mulher.

— Sim, e quando sahir a viuvinha supponho que me convidarás a tomar qualquer cousa.

— Não vejo inconveniente nisso.

V

Pobre viuvinha! A' excepção d'aquella tarde, não tornaram a ter que esperar a sua sahida.

Os seus votos tinham-se realisado, e agora dormia o somno eterno junto do homem a quem tanto havia amado.

JEAN ANDRAIC.

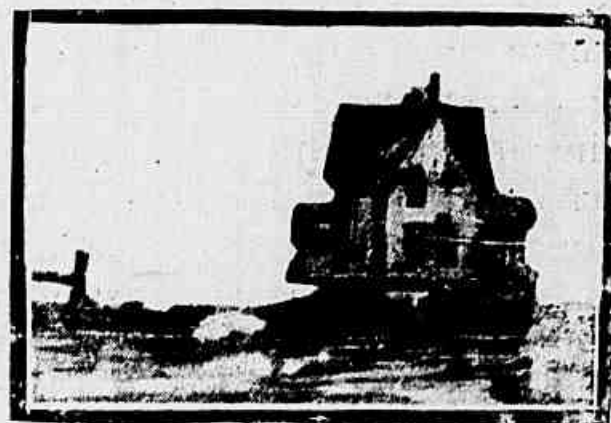
Casas viajantes

Os americanos do norte mudam as suas casas com uma facilidade extraordinaria. Fazem como os caramujos, que carregam ás costas as suas moradias.

Os leitores terão certamente ouvido falar nas celebres casas munidas, de rodas para facilidade da mudança que fazem algumas vezes nos vagões das estradas de ferro.

Isto, portanto, não é novidade para os nossos amiguinhos.

Mas os americanos progridem e agora as casas já mudam de logar sem ser preciso retirar os moveis.

A cosinheira segue no seu posto fazendo os quitutes, emquanto a casa vai *caminhando* a razão de cinco kilometros por hora.

Esse facto curioso occorreu no verão passado em Chicago. O proprietario de uma casa da Avenida 54, possuia um terreno a uns 12 kilometros de distancia na rua 77 á margem do lago Michigan. Quiz trasladar por terra sua casa, como é comum entre os americanos, mas verificou que as despezas no trem de ferro eram quasi iguaes ao valor da casa, então resolveu fazer o transporte por agua, que é sempre mais barato; e, para isso, collocou a casa sobre uma jangada ou prancha de madeira, com as dimensões sufficientes para aguentar o peso da casa, e assim, fluctuando, chegou ao local desejado sem accidente.

Pequenos factos da guerra

Um soldado colonial, (França), a quem amputaram ambas as pernas, jaz no seu leito, em uma ambulancia do 17° corpo.

Espera-se a visita do general. Chega este acompanhado de alguns officiaes do estado maior.

O medico chefe condul-o á cabeceira do glorioso mutilado e, sem dizer palavra, levanta os cobertores.

Um silencio pesa, o momento é solemne.

O general tira o kepi, vae dirigir algumas palavras ao ferido...

Mas eis que este, fazendo das fraquezas forças, soergue o busto, que apoia no cotovello, leva a mão direita á testa, em continencia, e com o olhar brilhante, a voz firme, a face sorridente, pergunta:

— E agora, meu general: Poderei servir na aviação?

✻ DE TUDO UM POUCO ✻

O fim do mundo

«O mundo não tem mais que cinco milhões de annos para viver» annunciava ha pouco tempo um sabio norte americano. «Será verdade?» O sol é um conjunto de gazes quentes, um milhão e trezentas mil vezes maior que a terra. Por maior que seja essa massa cuja temperatura oscilla entre sete mil e cem mil gráos, nem por isso faz excpção á regra commum: todos os dias o sol perde o calor, se esfria. Um momento chegará, portanto, em que sua radiação enfraquecerá e, por fim, desapparecerá. E isso é tão verdade que o céo está cheio de sóes extinctos: todo o astro nasce e vive para morrer. Resta saber qual a data da fatal extincção.

Ora, a physica e a mechanica nos permittem conhecer quando se dará esta eventualidade para o nosso sol, aquelle que nos aquece e nos illumina? Sim, até um certo ponto. Antes do mais, uma pergunta. Onde vae o sol buscar o calor que nos envia de uma maneira mais ou menos constante? Não ha duvida que observamos algumas variações; mas ellas são de curta duração e devidas á causas conhecidas. A verdade é que o clima da terra não tem mudado de modo apreciavel desde os tempos historicos. Qual é, então, o fornecedor do sol e quaes as substancias que alimentam a sua gigantesca fornalha?

Mayer e Helmotz responderam a pergunta. O sol em começo, era muito maior do que é hoje, sob a influencia das leis das attracções, a massa gazoza se contrae diminue de volume; ora, a physica nos ensina que, em taes condições, um gaz póde recuperar o calor que a irradiação lhe faz perder e se espalha pelo espaço.

O calculo mostra que basta suppor uma diminuição de setenta e seis centimetros por anno no diametro do sol para que o seu calor se mantenha constante por milhares de annos.

Mas o sol apresenta actualmente um diametro de um milhão e trezentos e noventa mil e quatrocentos e doze kilometros; mesmo suppondo a diminuição precedente, nenhum instrumento poderá revelar a mudança em um espaço de dez seculos, e os astronomos deverão esperar dez mil annos para que o possam perceber de maneira certa e positiva.

Assim, segundo a theoria mechanica do calor, os astronomos que viverem no anno doze mil de nossa época poderam observar que o seu diametro diminuiu de oito kilometros desde o inicio das observações telescopicas.

Dentro de sete milhões de annos, o sol irradiará ainda a mesma quantidade de calor mas o seu disco apparecerá aos homens quatro vezes menor. A partir deste instante nada mais poderá impedir a perda de calor em consequencia da irradiação. A terra soffrerá, a vida vegetativa desapparecendo das regiões nortes, a população dos homens procurará a zona equatorial.

Ainda outros milhões de annos e a vida terrestre se tornará impossivel. O astro do dia se cobrirá de manchas sombrias que pouco a pouco se tornarão cada vez maiores: o seu calor e o seu brilho irão diminuindo até desapparecer de todo e teremos um sol negro e invisivel que, apesar disso, continuará, como tantos outros, a sua marcha atravez o infinito.

Em resumo: podemos ficar tranquillos; o que a sciencia pode dizer sobre o nosso futuro como dependente do sol, é que a humanidade ainda pode viver dez a quinze milhões de annos no minimo.

E daqui até lá...

RECEITAS

Bôlo macio — Cinco gemmas e duas claras de ovos bem batidas, 5 chicaras de farinha de trigo, 1 de leite, 1/2 de manteiga, 1/2 de gordura, 3 de assucar, 1 colhersinha de bicarbonato de sodio, cravo, canella e herva doce. Tudo bem amassado bota-se em fôrma e depois vai ao fôrno brando.

Bôlo pernambucano — Meio kilo de assucar branco fino, 8 gemmas e 4 claras de ovos, 250 grammas de manreiga, 1/2 kilo de farinha de cariman, 1 chicara de leite de vacca ou de côco, herva doce e canella.

NÃO FORAM PUBLICADOS
OS DIAS: 16 A 31